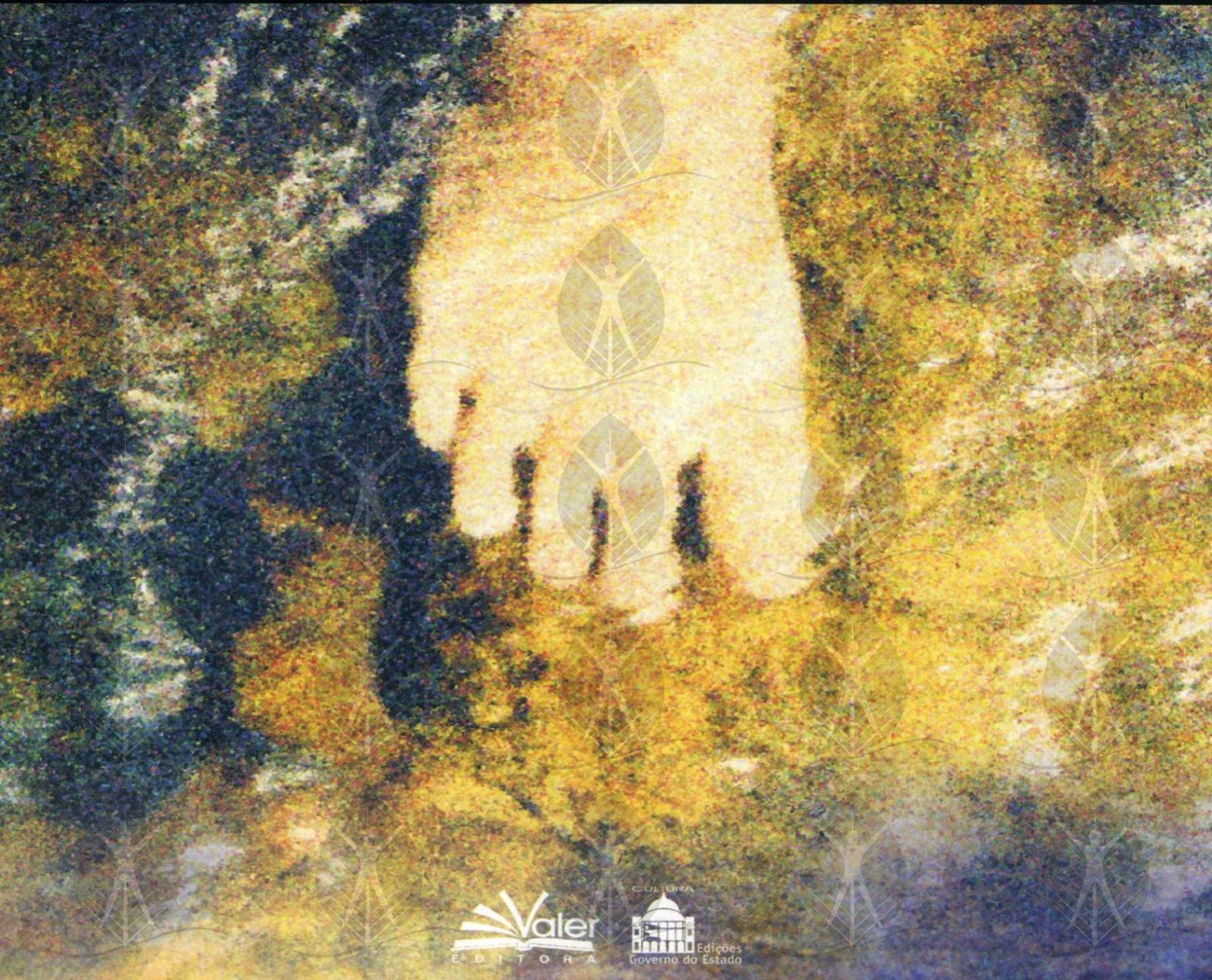


Astrid Cabral

RASOS D'ÁGUA



RASOS D'ÁGUA



GOVERNO DO



AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador
Samuel Assayag Hanan

 **AMAZONAS**
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretária
Vânia Maria Cyrino Barbosa

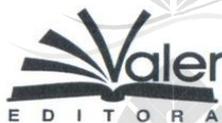
Coordenador de Edições
Antônio Auzier Ramos

Co-edição
Governo do Estado
Editora Valer

Astrid Cabral

RASOS D'ÁGUA



The logo for Valer Editora, featuring a stylized open book with rays emanating from it, above the text "Valer EDITORA".

Valer
EDITORA

The logo for Cultura Edições Governo do Estado, featuring a stylized building with a dome, above the text "CULTURA Edições Governo do Estado".

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © Astid Cabral, 2003

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Heitor Lopes

REVISÃO

Cynthia Teixeira

Marcos Sena

Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

C117r Cabral, Astrid.

Rasos d'água. / Astrid Cabral. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2003.

120 p.

ISBN 85-7512-107-3

1. Literatura brasileira – Poesia I. Título

CDU 82-1 (811.3)

2003

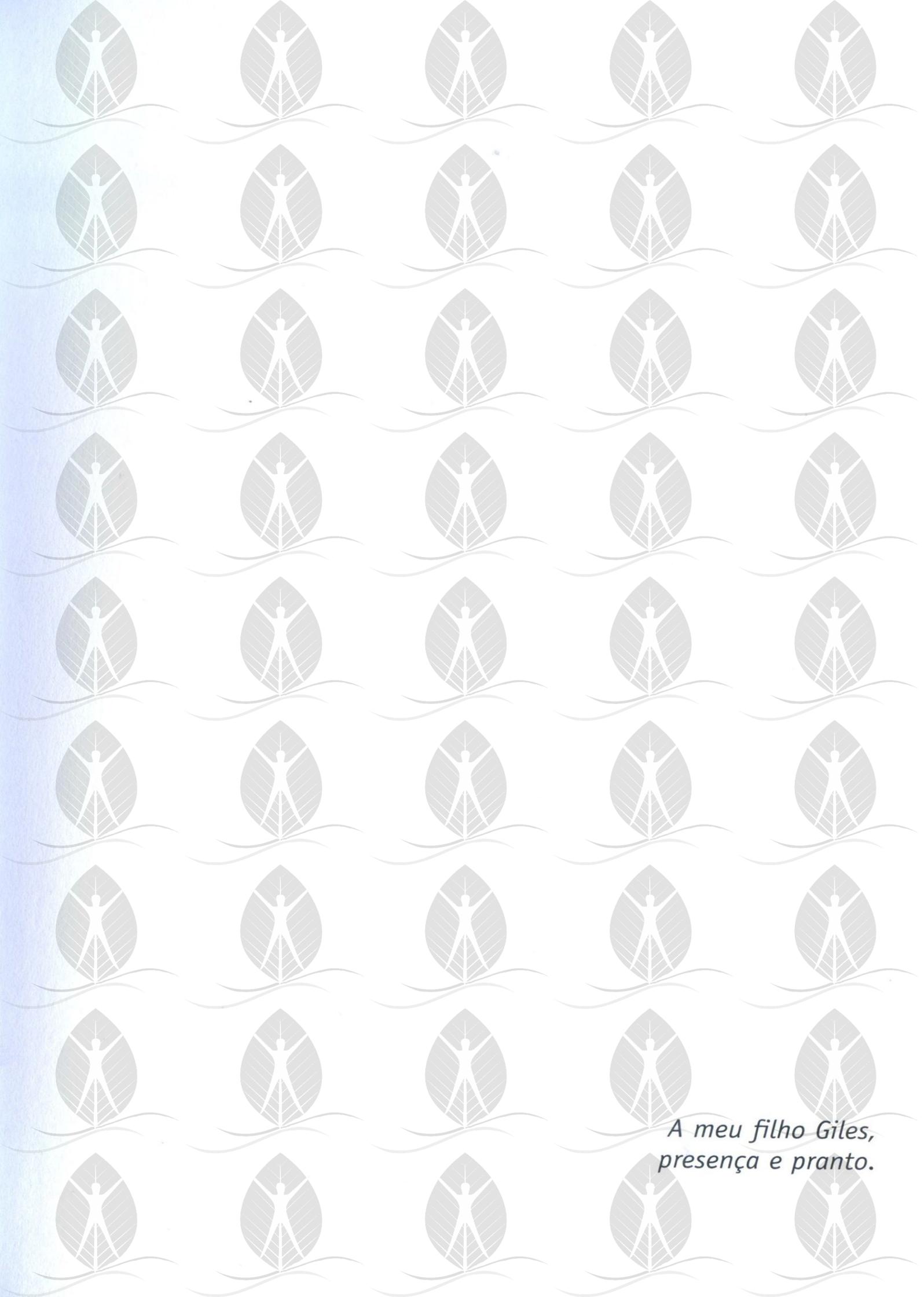
Editora Valer

Rua Ramos Ferreira, 1195

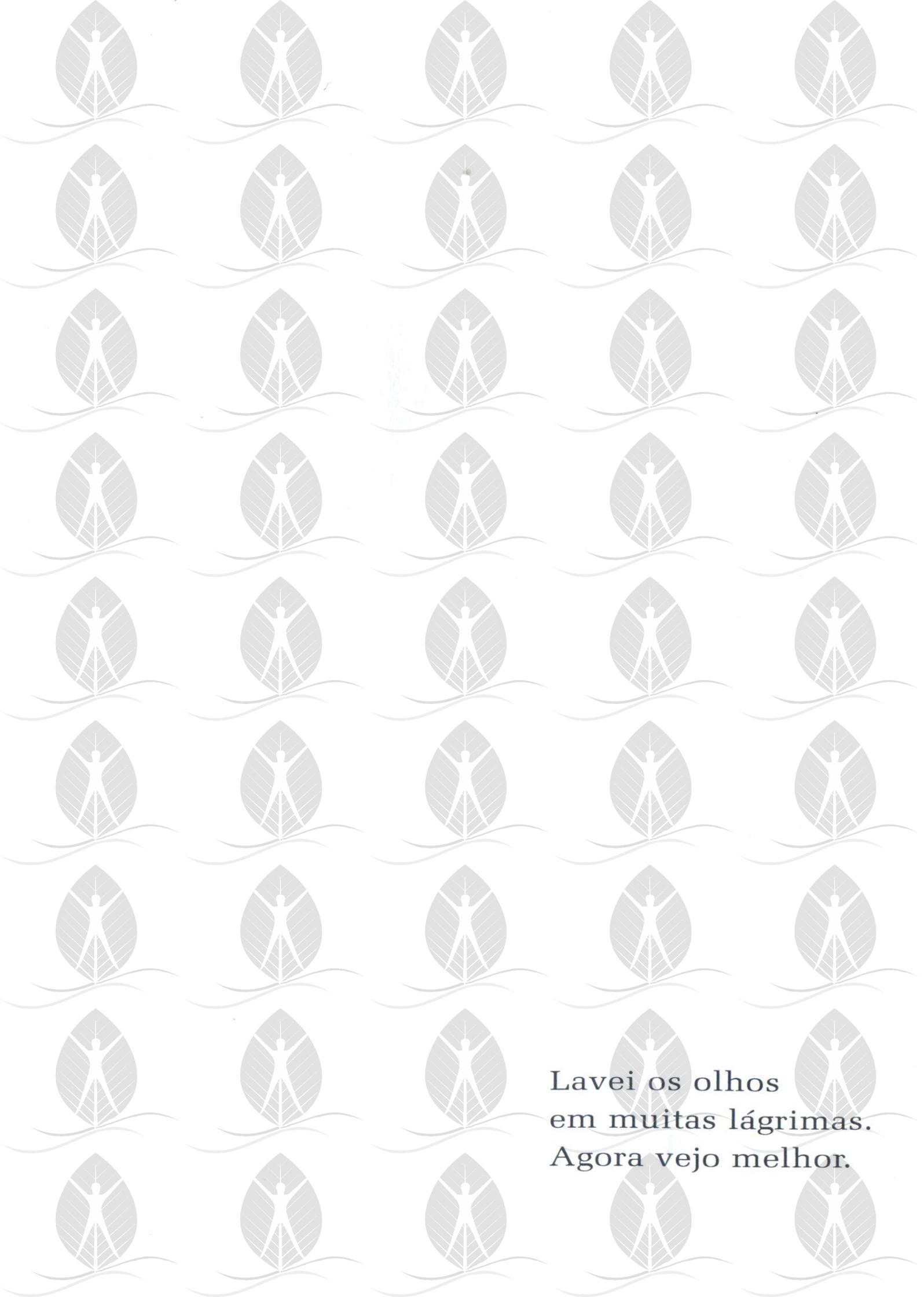
69010-120, Manaus-AM

Fone: (0xx92) 633-6565

E-mail: editora@valer.com.br



*A meu filho Giles,
presença e pranto.*



Lavei os olhos
em muitas lágrimas.
Agora vejo melhor.

Sumário

Apresentação	13
I – Copo de mar	17
Coração couraçado	19
Sobrevivência	20
Submarina	22
Crepúsculo	23
De olhos secos	24
De coração partido	26
Vizinhança	27
Sobra	28
Amor perdido	29
Perdas	30
O que se perde	31
A companheira	32
Saudade	34
Canção trôpega	35
Metamorfose	36
Meio século	38
Armadilhas do hormônio	39
Terceira idade	40
Na glória	42



Áureos tempos 45

Festas 46



Cemitério líquido 48

Cenário antigo 50

A casa no breu 52



Morte por água 53

Retrato do tio marinheiro 55

Cinzas na Guanabara 57

O clã dividido 58



Lívido alívio 59

Mudança 61

Último retrato 62

Tatuagem 63



Quem? 64

Recado sem endereço 65

Soneto 67



Vilanela 68

A outra face 70

Mãos 71

Amargas tâmaras 72



Pomar proibido 74

Pedra e água 76

II – Barquinhos de papel 79



Hokusai e a grande onda 81

Mar incansável mar 82



O azul assassino 84

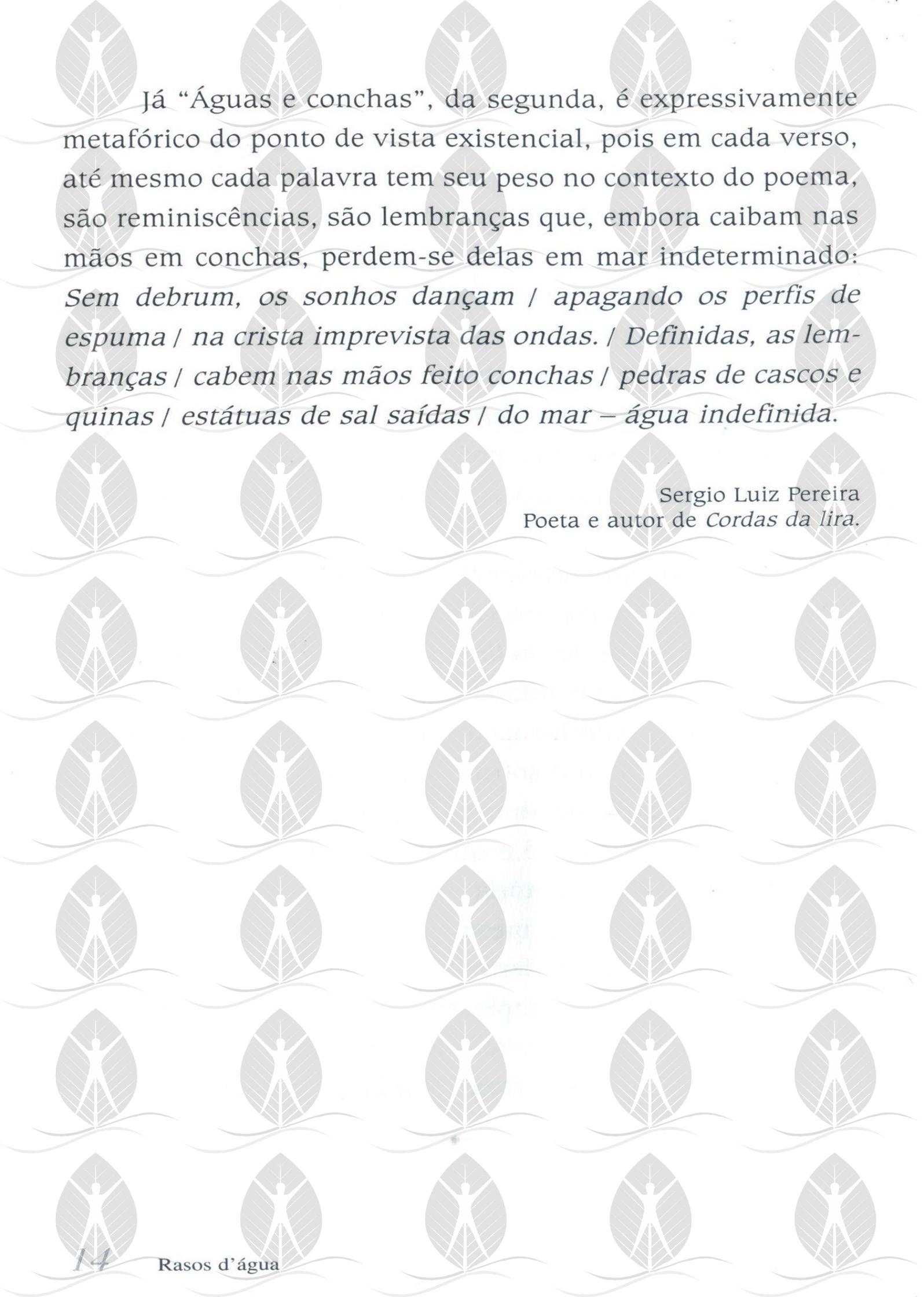
Águas e conchas	85
Três pingos	86
Chuva em abril	87
Chuva grossa em Marble Arch	88
Chuva fina em Marble Arch	90
Rios vermelhos	92
O rio de antanho	93
Urubamba	95
Ex-rio	97
Primeiro espelho	98
Viagem à revelia	99
Escalas	100
Recife no fundo do poço	103
Águas do Tapajós	104
Funeral	106
Chafariz	107
Calamidade	108
Rio paralítico	109
Piscinas	110
Acimabaixo	111
Águas represadas	112

Apresentação

Em 1979, com o aparecimento de *Ponto de cruz*, Astrid Cabral lança-se efetivamente como poeta, e desde lá nunca mais deixou de versejar, publicando depois *Torna-viagem*, *Lição de Alice*, *Visgo da terra*, *Rês desgarrada*, cumprindo, desse modo, seu destino poético – todo ele plasmado por intenso lirismo, recordações de vida e preocupações existenciais.

Rasos d'água evidencia a tônica lírica da autora, porque desde o título e epígrafe – *Lavei os olhos / em muitas lágrimas. / Agora vejo melhor* –, constata-se o tom líquido por excelência, transbordando por toda a obra a sua mensagem madura e confidencial sobre a vida e seus múltiplos desafios, incluindo aí o sofrimento, a morte e a saudade.

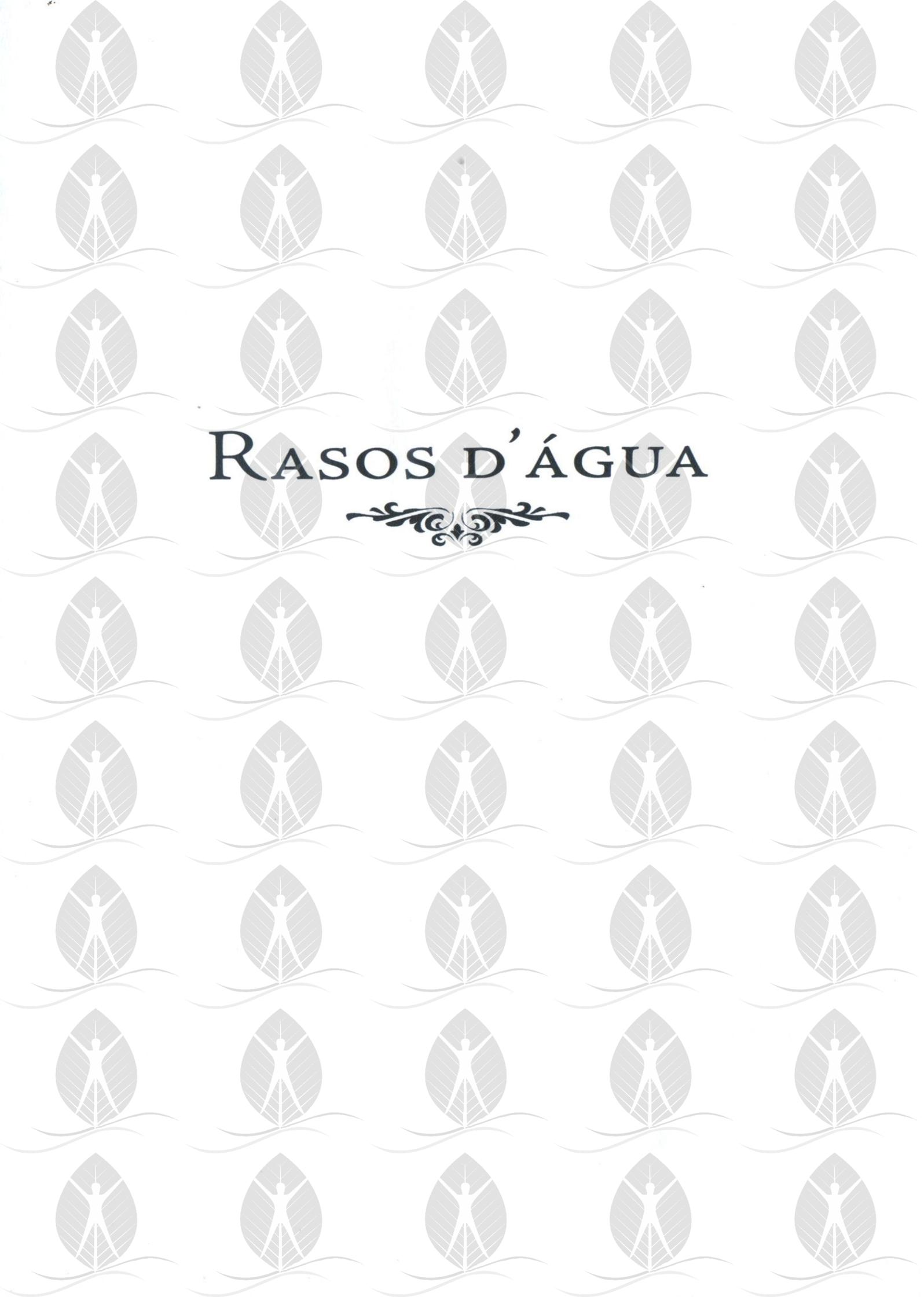
O livro, dividido em duas partes, “Copo de mar” e “Barquinhos de papel”, é o que parece de mais sentimental que se expressa na trajetória desta poeta consciente de sua faina literária, tradução mesmo de seu momento vivido, de suas lutas, vitórias e derrotas. O poema “Saudade”, da primeira parte, traduz simplesmente o seu instante atual: *Já disse e repito: / aos dezoito, saudade / era trissílabo paroxítono / e nada mais. / Hoje, saudade é sangue / sangria desatada / correnteza no mangue / de mim mesma.*



Já “Águas e conchas”, da segunda, é expressivamente metafórico do ponto de vista existencial, pois em cada verso, até mesmo cada palavra tem seu peso no contexto do poema, são reminiscências, são lembranças que, embora caibam nas mãos em conchas, perdem-se delas em mar indeterminado:

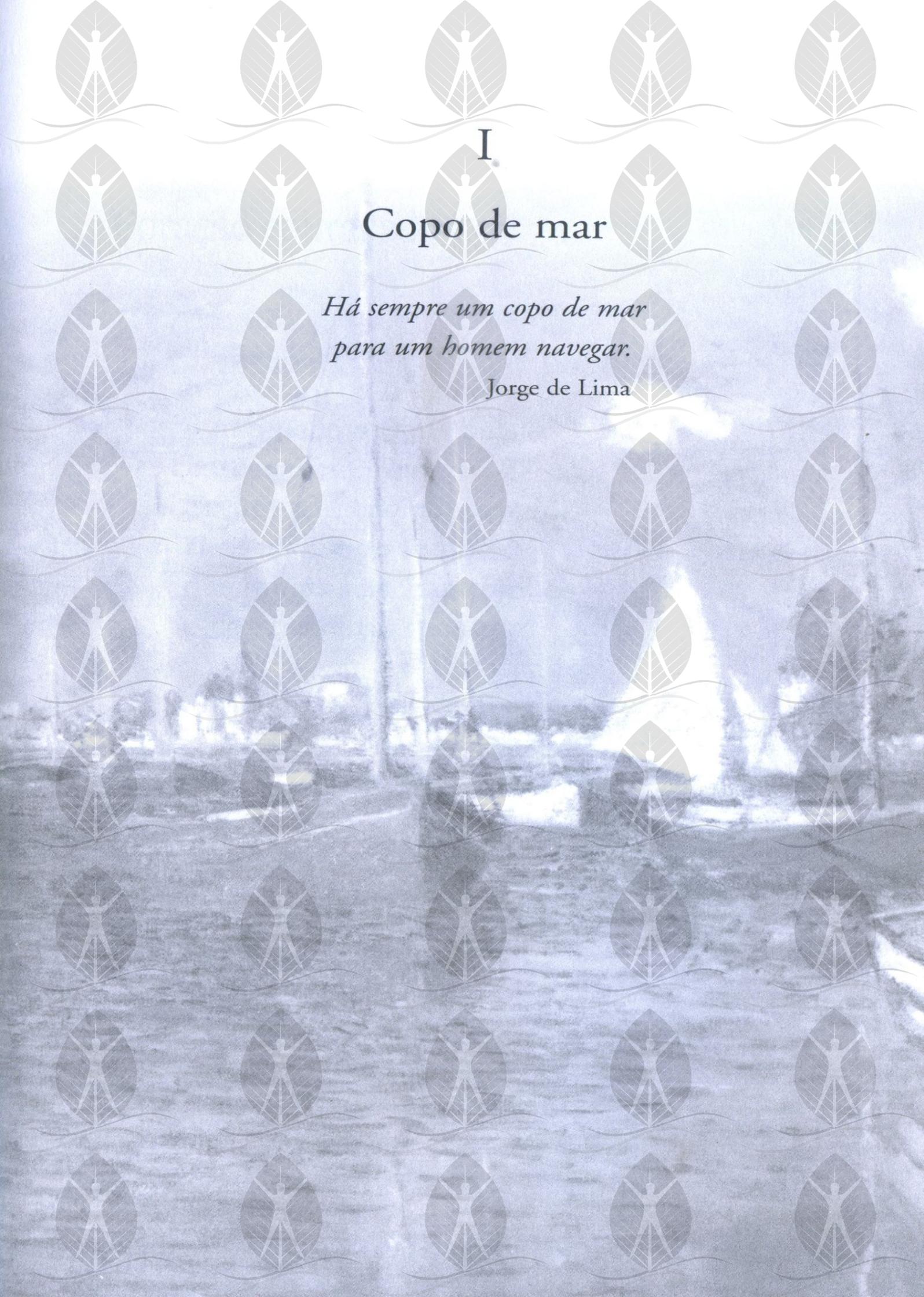
Sem debrum, os sonhos dançam / apagando os perfis de espuma / na crista imprevista das ondas. / Definidas, as lembranças / cabem nas mãos feito conchas / pedras de cascos e quinas / estátuas de sal saídas / do mar – água indefinida.

Sergio Luiz Pereira
Poeta e autor de *Cordas da lira*.



RASOS D'ÁGUA

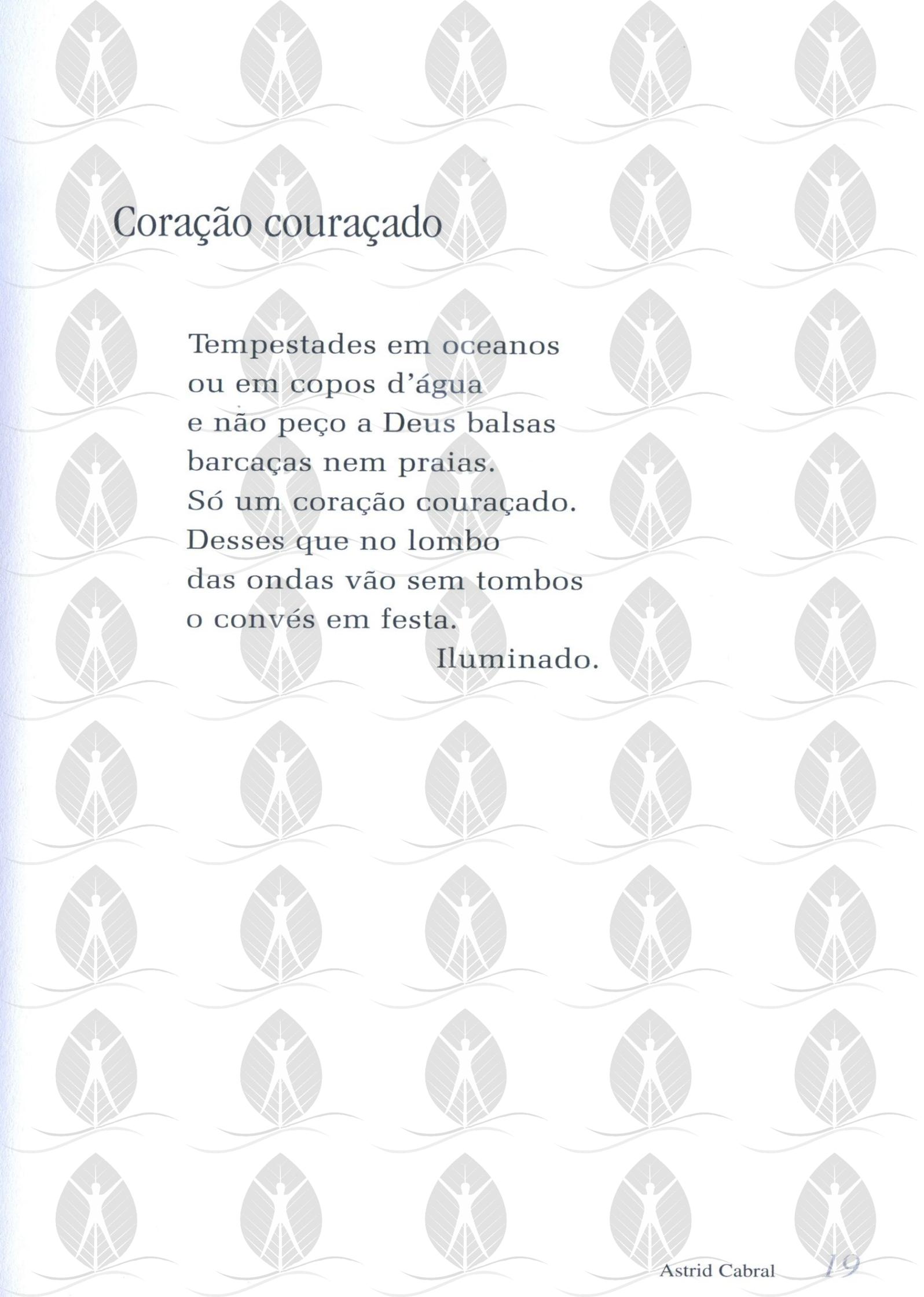




I
Copo de mar

*Há sempre um copo de mar
para um homem navegar.*

Jorge de Lima



Coração coraçado

Tempestades em oceanos
ou em copos d'água
e não peço a Deus balsas
barcaças nem praias.
Só um coração coraçado.
Desses que no lombo
das ondas vão sem tombos
o convés em festa.

Iluminado.

Sobrevivência

O azul ainda perdura
mesmo oculto na pré-chuva.
O sol ainda insiste
a fabricar dias e mormaço.
Ainda há estrelas
enfeitando o colo das noites
alheias desde sempre
à miséria dos homens.
Os mares prosseguem
lambendo praias e pedras
ofertando conchas às areias.
Nenhum terremoto alterou
o perfil de prédios
os ombros dos morros.
O verde desabrocha fiel
ao comando ritual das estações.
O vento constrói as dunas
alvoroça as folhagens
e vai embora.
Continuam os lares abrigando
moradores cativos de seus destinos.



Afinal, as coisas não mudaram nada
e ninguém suspeita
do naufrágio seguido de milagre.

Meus olhos, porém, mudaram o cosmos.
Puseram esta lágrima boiando
no rosto do mundo.

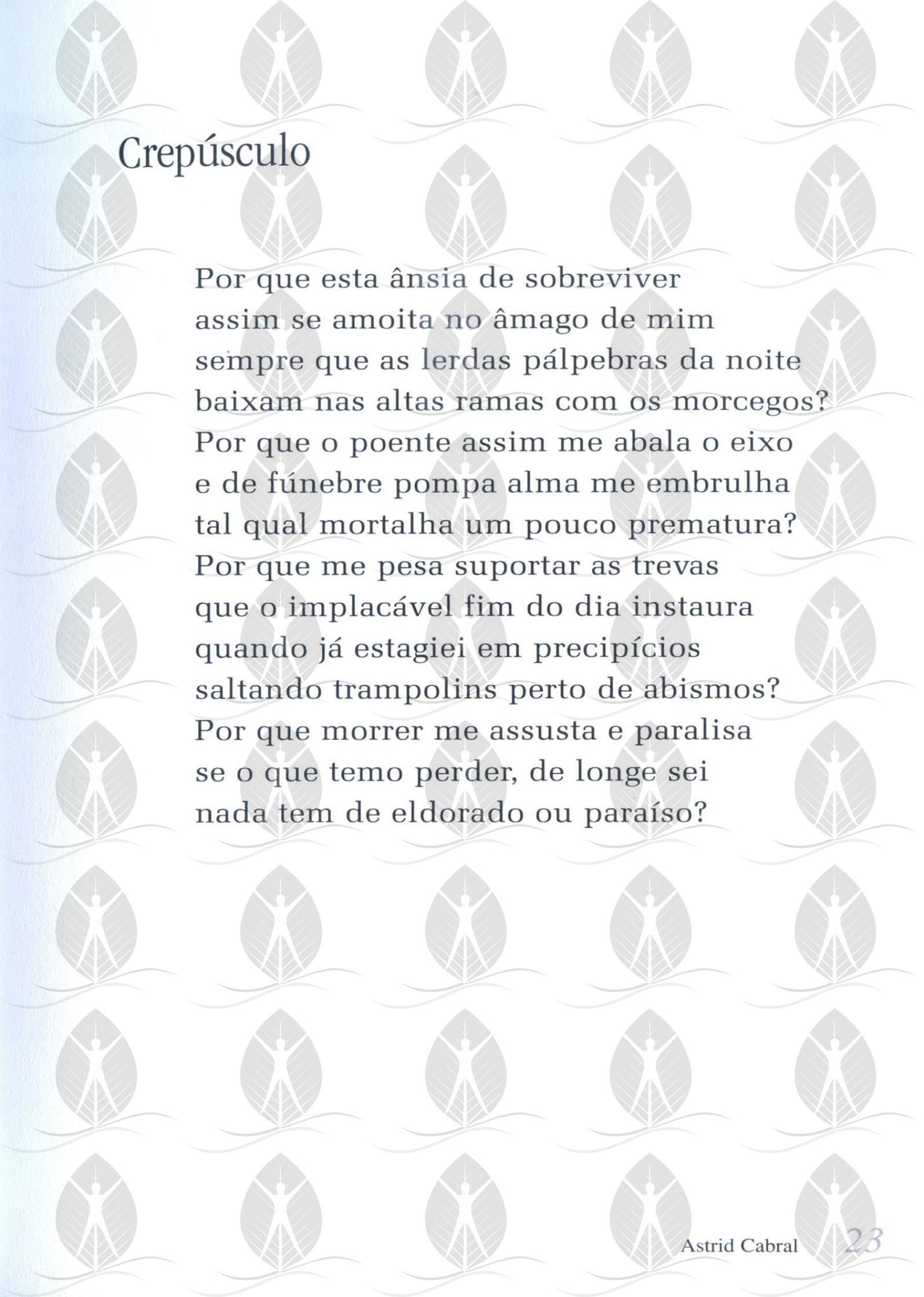
Submarina

Submarina em mares da memória
navego da menarca à menopausa
investigando o pedestal das ilhas
já que as ilhas afloram suas flores
sem revelar o enigma das raízes.

As ilhas tudo têm de superfície:
a claridade diurna e generosa
de contornos e berrantes cores.

Por isso desço e permaneço atenta
ao rastro de crateras e outras fendas
abertas no profundo azul noturno
e refratárias à visão externa.

Quem sabe lá repousem os alicerces
do ser e dos mistérios que procuro.



Crepúsculo

Por que esta ânsia de sobreviver
assim se amoita no âmago de mim
sempre que as lerdas pálpebras da noite
baixam nas altas ramas com os morcegos?

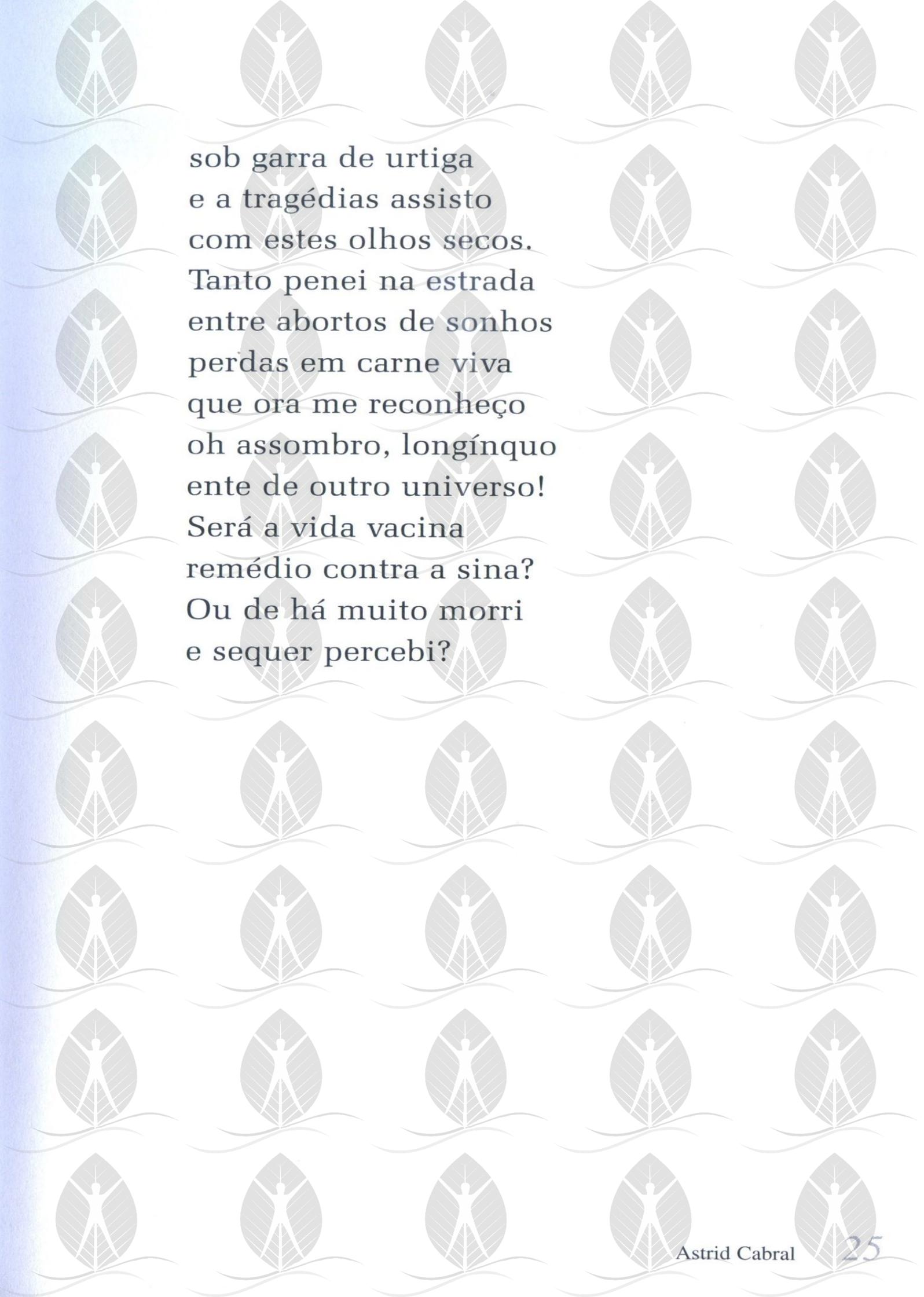
Por que o poente assim me abala o eixo
e de fúnebre pompa alma me embrulha
tal qual mortalha um pouco prematura?

Por que me pesa suportar as trevas
que o implacável fim do dia instaura
quando já estagiei em precipícios
saltando trampolins perto de abismos?

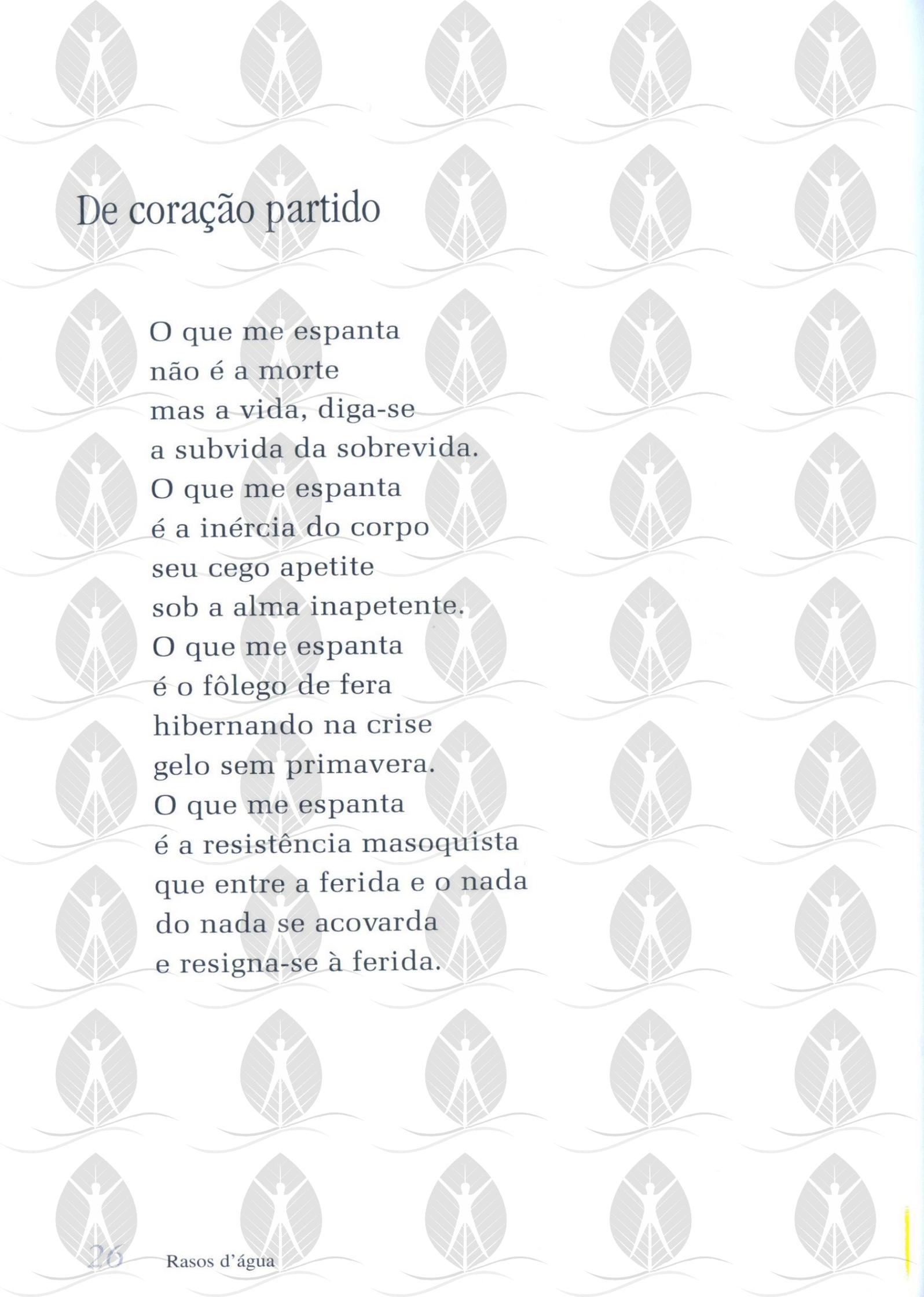
Por que morrer me assusta e paralisa
se o que temo perder, de longe sei
nada tem de eldorado ou paraíso?

De olhos secos

Falo de um tempo extinto
de um espaço perdido
em rios e navios
de promessas e esperas
quando o ser aprendiz
desconhecia o mapa
e se feria em quinas
de esquinas e de pedras
a chorar ante as guerras
nas telas dos cinemas.
Ah amor sem futuro
traições sem reparo
e os esforços sem lucro!
Eu a chorar pitangas
no frio ombro das fronhas
madrugadas afora.
Temporadas de lágrimas
fáceis e sem consolo
coração posto em cacos.
Lição de vida, não?
As coisas não mais doem,
e a carne já não geme



sob garra de urtiga
e a tragédias assisto
com estes olhos secos.
Tanto penei na estrada
entre abortos de sonhos
perdas em carne viva
que ora me reconheço
oh assombro, longínquo
ente de outro universo!
Será a vida vacina
remédio contra a sina?
Ou de há muito morri
e sequer percebi?



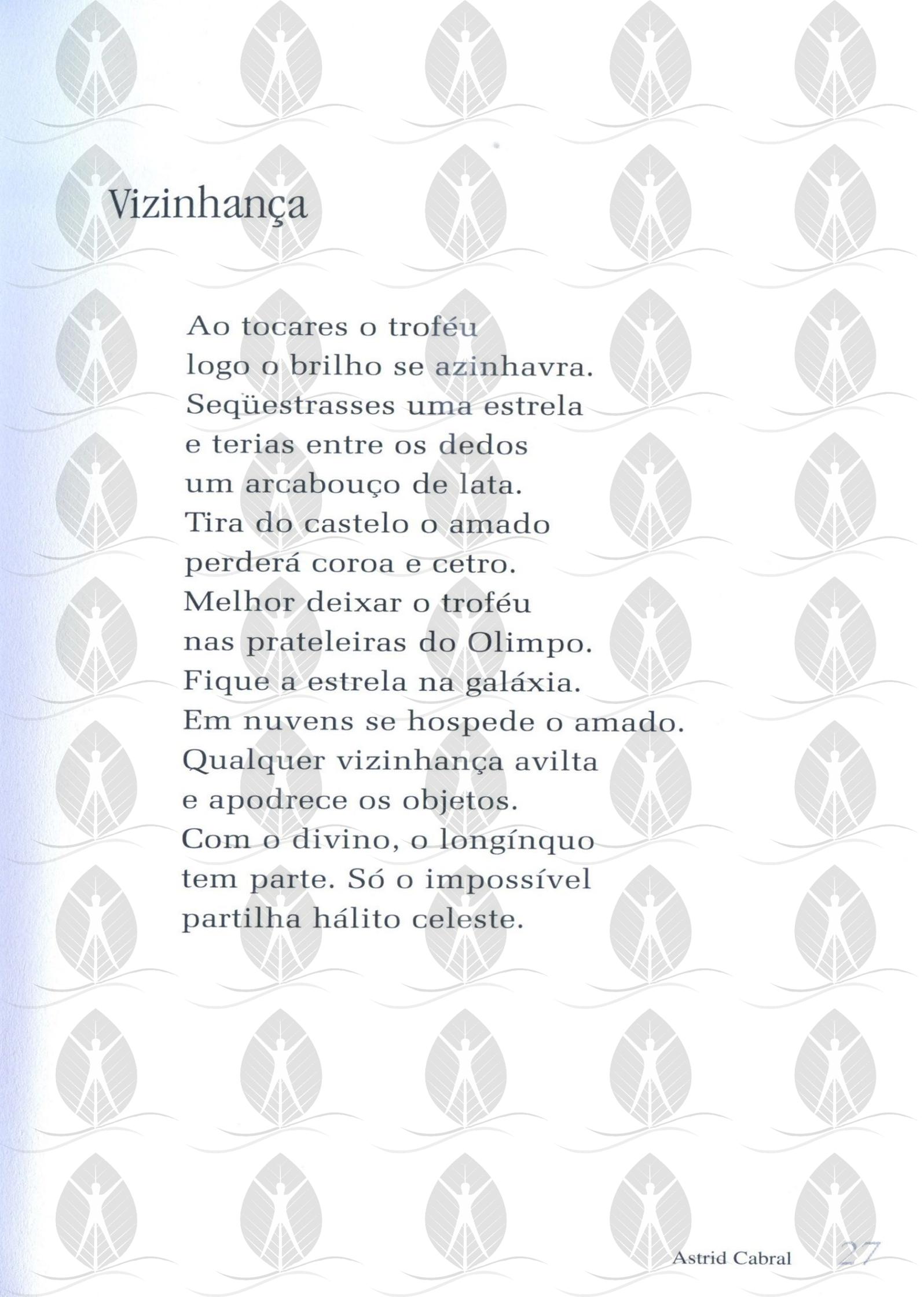
De coração partido

O que me espanta
não é a morte
mas a vida, diga-se
a subvida da sobrevida.

O que me espanta
é a inércia do corpo
seu cego apetite
sob a alma inapetente.

O que me espanta
é o fôlego de fera
hibernando na crise
gelo sem primavera.

O que me espanta
é a resistência masoquista
que entre a ferida e o nada
do nada se acovarda
e resigna-se à ferida.



Vizinhança

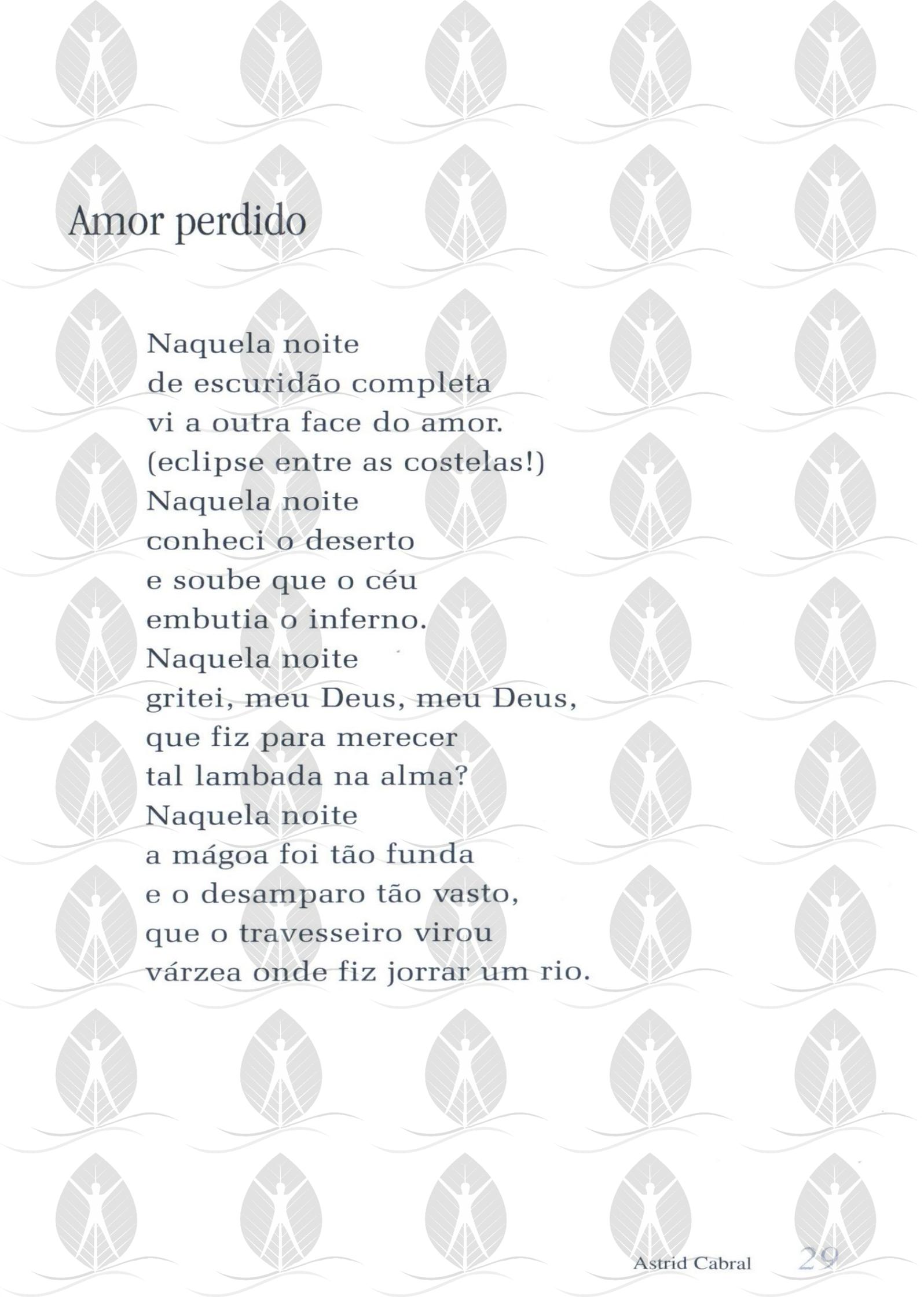
Ao tocares o troféu
logo o brilho se azinhavra.
Seqüestrasses uma estrela
e terias entre os dedos
um arcabouço de lata.
Tira do castelo o amado
perderá coroa e cetro.
Melhor deixar o troféu
nas prateleiras do Olimpo.
Fique a estrela na galáxia.
Em nuvens se hospede o amado.
Qualquer vizinhança avilta
e apodrece os objetos.
Com o divino, o longínquo
tem parte. Só o impossível
partilha hálito celeste.



Sobra

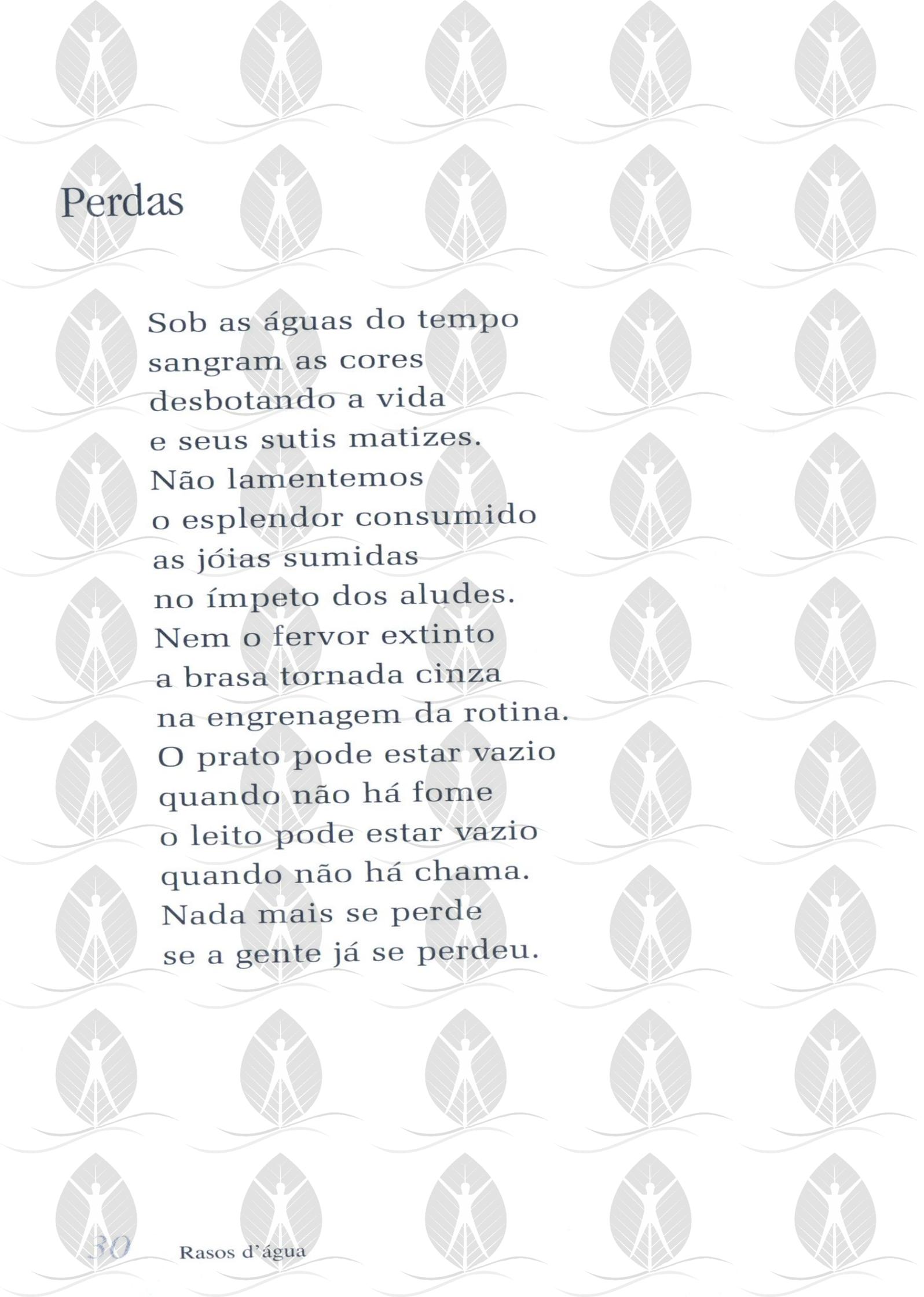
E aporta o dia
(aziago ou de alívio?)
quando tens o banquete
mas não tens fome
tens a cama
mas não tens sono.

Ainda há estradas
porém careces do ímpeto
para sair em marcha.
Sim, sobra-te a vida.
Mas onde os braços
para apertá-la?



Amor perdido

Naquela noite
de escuridão completa
vi a outra face do amor.
(eclipse entre as costelas!)
Naquela noite
conheci o deserto
e soube que o céu
embutia o inferno.
Naquela noite
gritei, meu Deus, meu Deus,
que fiz para merecer
tal lambada na alma?
Naquela noite
a mágoa foi tão funda
e o desamparo tão vasto,
que o travesseiro virou
várzea onde fiz jorrar um rio.



Perdas

Sob as águas do tempo
sangram as cores
desbotando a vida
e seus sutis matizes.
Não lamentemos
o esplendor consumido
as jóias sumidas
no ímpeto dos aludes.
Nem o fervor extinto
a brasa tornada cinza
na engrenagem da rotina.
O prato pode estar vazio
quando não há fome
o leito pode estar vazio
quando não há chama.
Nada mais se perde
se a gente já se perdeu.



O que se perde

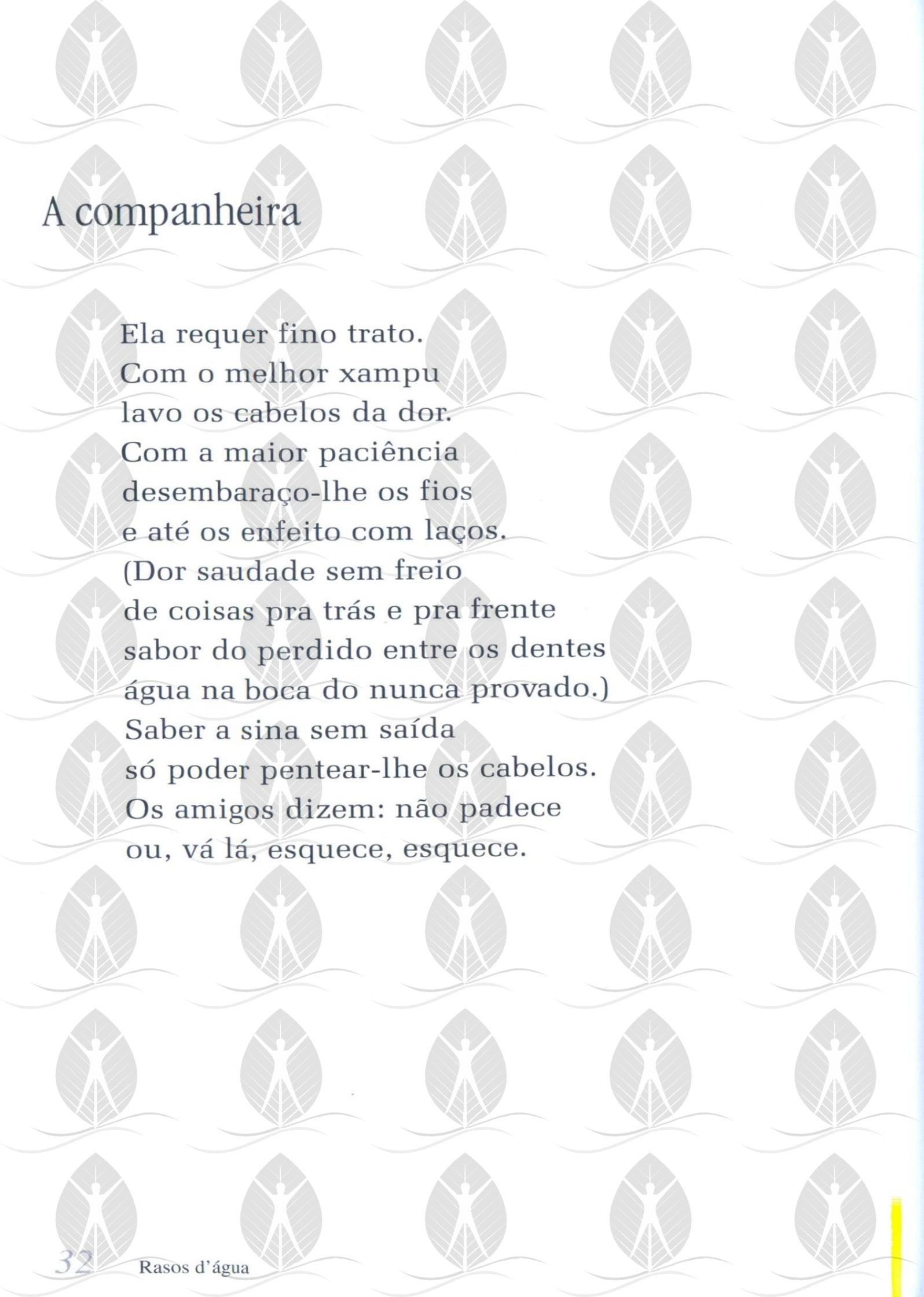
Só o que está perdido é nosso para sempre.

Mário Quintana

Sombra espessa
onde se tropeça
ao meio-dia.

Cicatriz secreta
doendo na festa
sala vazia.

O que se perde
– não se perde –
reverte
zero onipresente.



A companheira

Ela requer fino trato.

Com o melhor xampu
lavo os cabelos da dor.

Com a maior paciência
desembaraço-lhe os fios
e até os enfeito com laços.

(Dor saudade sem freio
de coisas pra trás e pra frente
sabor do perdido entre os dentes
água na boca do nunca provado.)

Saber a sina sem saída
só poder pentear-lhe os cabelos.
Os amigos dizem: não padece
ou, vá lá, esquece, esquece.



Mas esta dor não é algo
que se veste ou se despe.
É coisa que respira comigo
algo por dentro da pele.



Saudade

Já disse e repito:
aos dezoito, saudade
era trissílabo paroxítono
e nada mais.

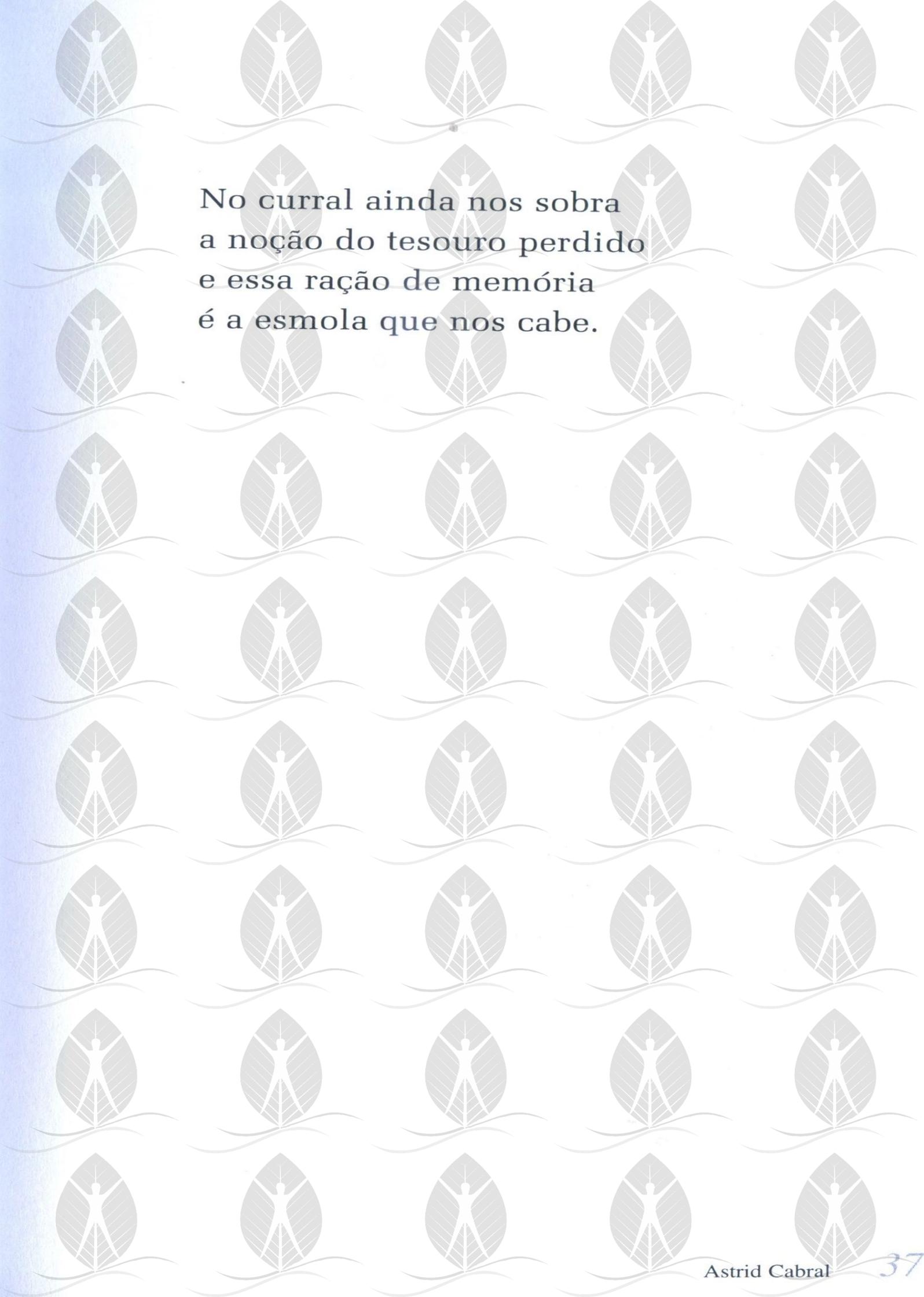
Hoje, saudade é sangue
sangria desatada
correnteza no mangue
de mim mesma.

Canção trôpega

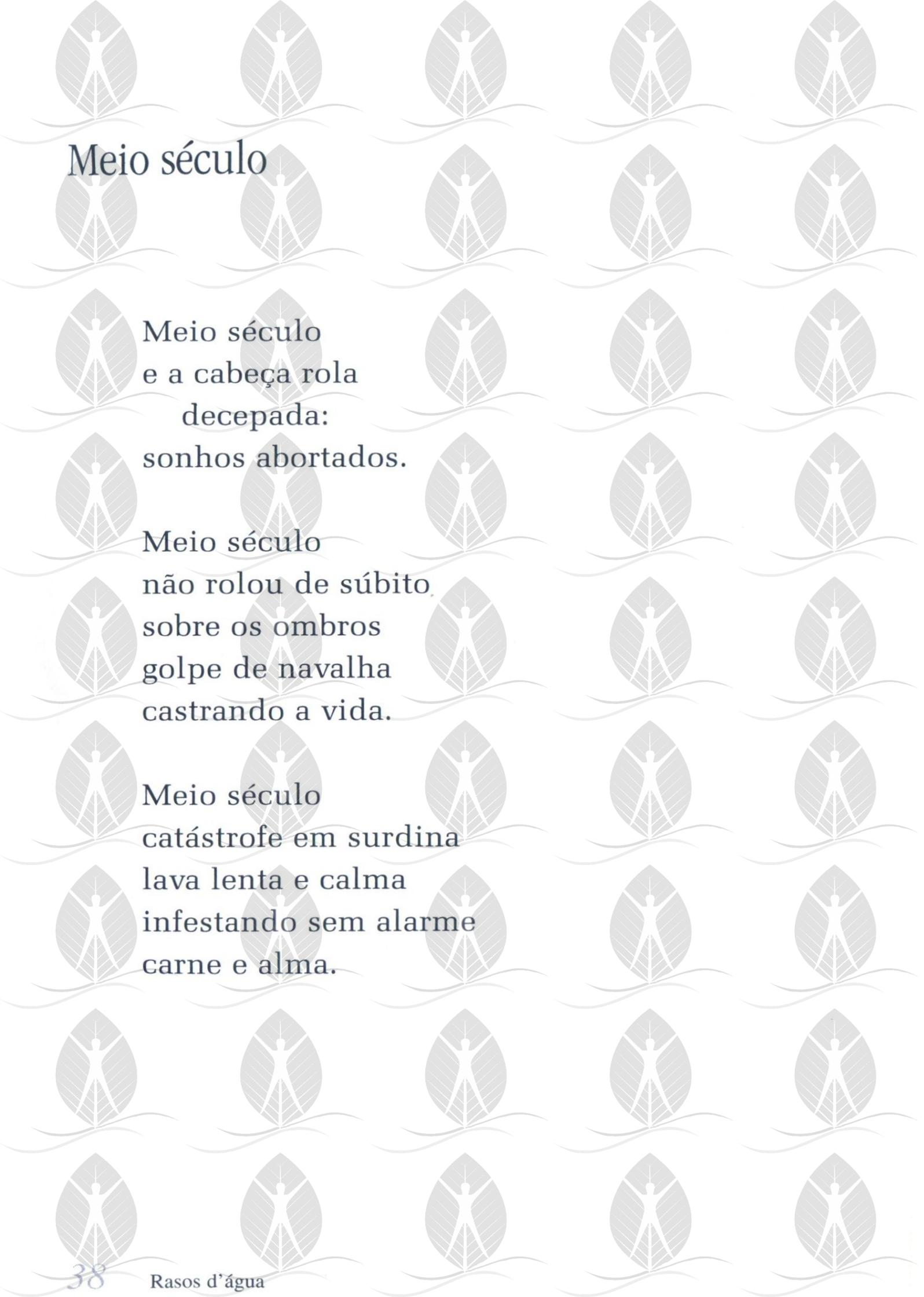
A vida não tem volta.
Sobra o séquito de sombras
e uma canção trôpega
atravessada no peito:
espada, rubra espada
cravada de mau jeito.
Aqueles rapazes esbeltos
ai, estrangularam-se
nas gravatas da rotina.
Ai, crucificaram-se
no lenho das doenças.
Aqueles rapazes tão belos
não fazem mais acrobacias
nem discursos inflamados.
Arrastam chinelos e redes
ruminam silêncio amargo.
Um dia fui bela, filha,
digo a surpreendê-la.
Devo provar com retratos
o que tem ar de mentira.

Metamorfose

Ainda nos chamam
pelos mesmos nomes.
Acaso seremos os mesmos
ou é a cegueira alheia?
Éramos formosos
afortunados donos
de sesmarias de sonhos.
Tínhamos frescor de frondes
ímpetos de fontes e fogos
destemor de duelos, dúvidas
que não machucavam quase.
Éramos potros selvagens
farejando precipícios
pelas pastagens do mundo.



No curral ainda nos sobra
a noção do tesouro perdido
e essa ração de memória
é a esmola que nos cabe.



Meio século

Meio século
e a cabeça rola
decepada:
sonhos abortados.

Meio século
não rolou de súbito,
sobre os ombros
golpe de navalha
castrando a vida.

Meio século
catástrofe em surdina
lava lenta e calma
infestando sem alarme
carne e alma.

Armadilhas do hormônio

Dobras a esquina
sem que um olhar de luxúria
envolva-te colo e quadris.
Na rua povoada ninguém
para alvoroçar teus instintos
e radiografar-te o corpo.
Passaste de mulher a pessoa.
O espelho nunca mente.
De tua parte te sentes
desvencilhada de empecilhos
imune à sanha e ao perigo
das armadilhas do hormônio.
Mas a alforria não traz euforia.
Longe estás de ser anjo.

Terceira idade

Poupem palavras panos mornos.

Minados fracos os ossos
cabelos ralos desbotados.

No sorriso algumas falhas
navalhas muitas na alma.

Nos órgãos sinais de falência
e a dependência se inicia:

médicos drogas e drágeas.

Por favor não falem de
maturidade e sabedoria.

Pois de que valeriam
atrasadas, sem serventia,
na instância de sufoco
do corpo em atrofia?



Nada de pseudoconsolos.
Por que tapar com peneira
as muitas perdas e danos?
Então será caridade
mascarar a subtração?

Na glória

A Balina Belo Lima

Morávamos na Glória
e não sabíamos estar na glória.

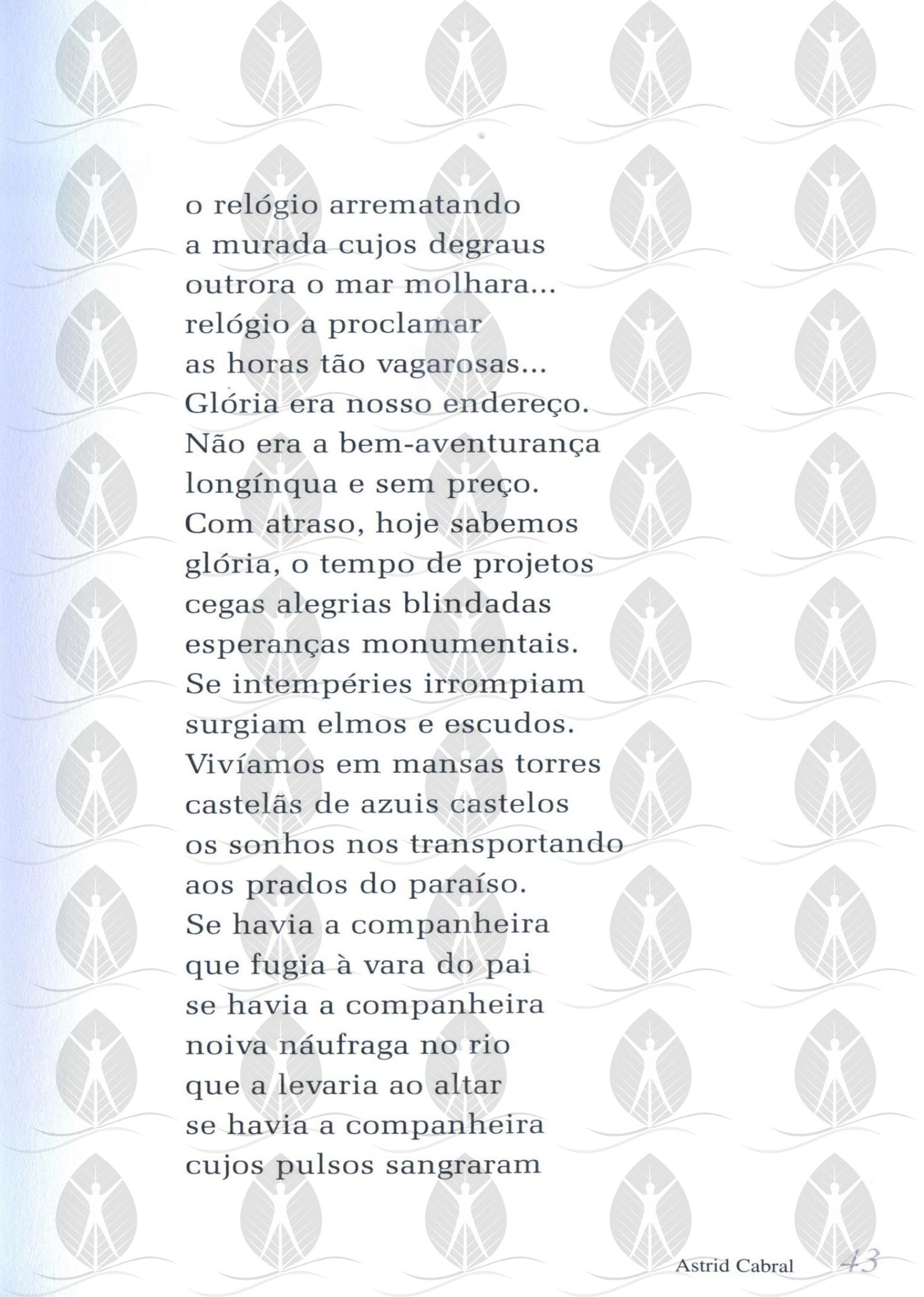
Afinal não éramos
os anjos do Angelorum?
o santuário encravado
entre as perdições da Lapa.

Sob os arcos do casarão
as piedosas franciscanas
não tinham apagado os rastros

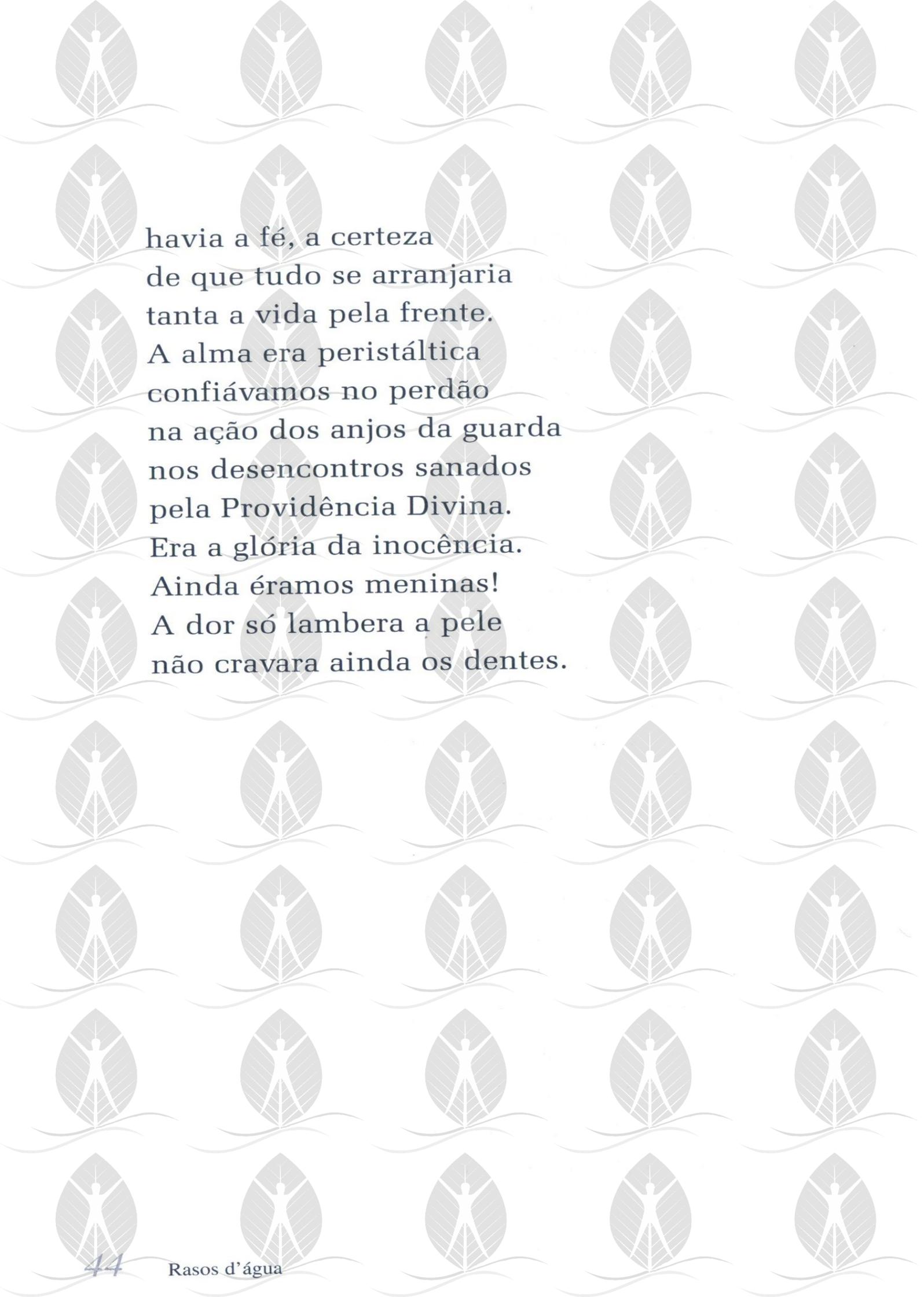
de Dona Maria a louca?
O que sabe a juventude
quando tudo é pura incógnita?

Morávamos na Glória
desatentas à palavra
da missa dominical.

Glória para nós não passava
do espaço ameno limitado
pela igreja no cume do Outeiro
e o tapete da Praça Paris
o bonde surgindo a intervalos
serviçal de muitos passeios

The background features a repeating pattern of stylized, teardrop-shaped leaves. Inside each leaf is a white silhouette of a human figure with arms raised. The leaves are arranged in a grid, with wavy lines separating the rows. The overall color scheme is light and airy, with a soft blue gradient on the left side.

o relógio arrematando
a murada cujos degraus
outrora o mar molhara...
relógio a proclamar
as horas tão vagarosas...
Glória era nosso endereço.
Não era a bem-aventurança
longínqua e sem preço.
Com atraso, hoje sabemos
glória, o tempo de projetos
cegas alegrias blindadas
esperanças monumentais.
Se intempéries irrompiam
surgiam elmos e escudos.
Vivíamos em mansas torres
castelãs de azuis castelos
os sonhos nos transportando
aos prados do paraíso.
Se havia a companheira
que fugia à vara do pai
se havia a companheira
noiva naufraga no rio
que a levaria ao altar
se havia a companheira
cujos pulsos sangraram



havia a fé, a certeza
de que tudo se arranjaría
tanta a vida pela frente.
A alma era peristáltica
confiávamos no perdão
na ação dos anjos da guarda
nos desencontros sanados
pela Providência Divina.
Era a glória da inocência.
Ainda éramos meninas!
A dor só lambera a pele
não cravara ainda os dentes.

Áureos tempos

Áureos tempos aqueles
quando na manhãzinha goiaba
colhíamos no cerrado gabiobas
ainda vestidas de orvalho.
Pés e patas competiam no capim
pródigo de carrapichos.
Gestos elásticos ultra-rápidos
assustávamos insetos e aves.
Um séquito de suaves súditos
nos seguia em semi-adoração
nós, os príncipes daquele feudo.
Depois, o asfalto rasgou o campo.
Cogumelos de concreto brotaram.
Cresceram as crianças e a cidade.
Anãs ficaram as árvores aos pés
de edifícios colossais. Sumiram
pássaros gabiobas araçás.
Fim de passeios e piqueniques.
Só ficou a fome funda das frutas
no vão sem remissão das bocas.

Festas

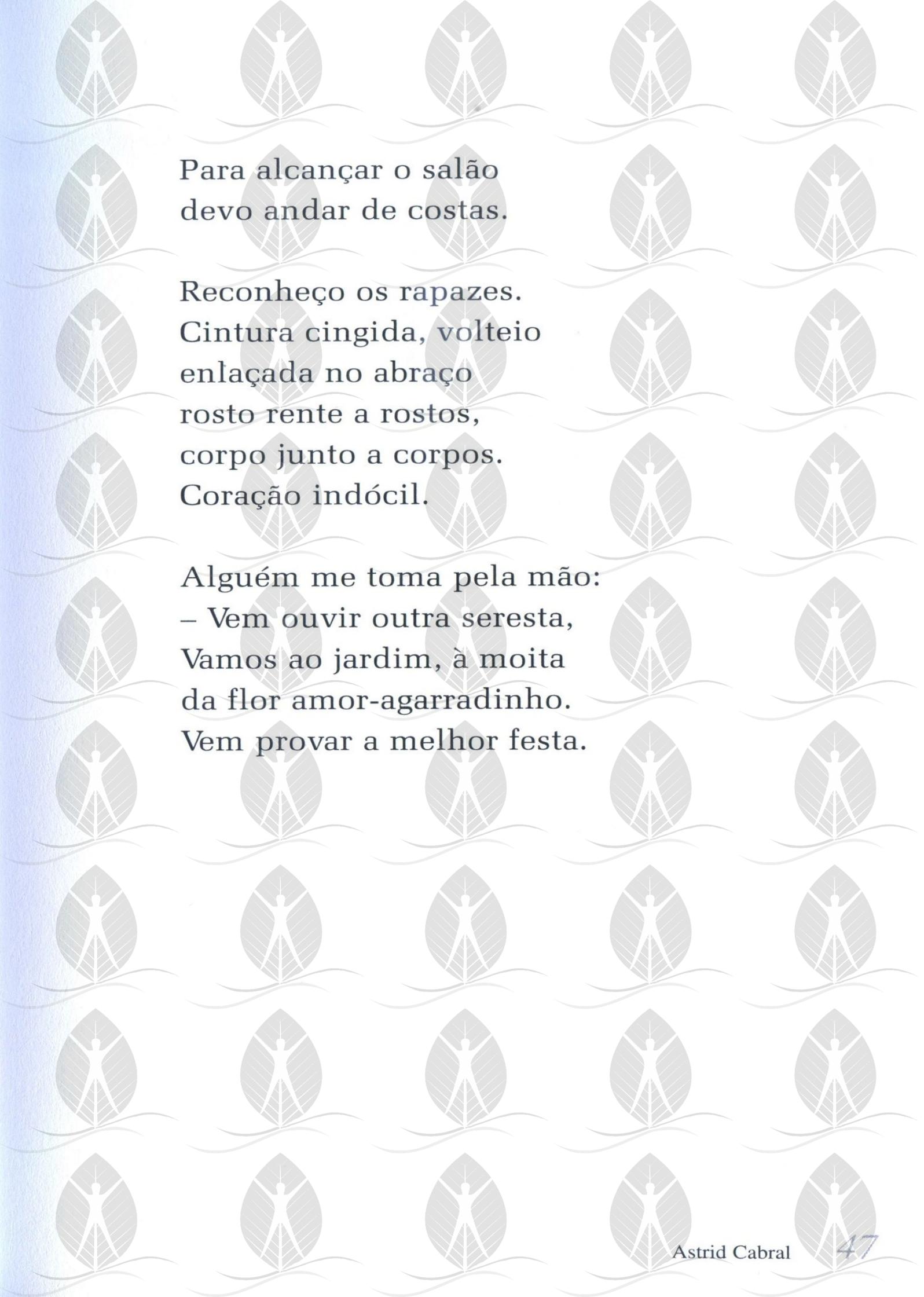
Sexta à noite o rumor
chega até mim.

Vozes, risos, acordes
pulam muros
invadem meu escuro.

A festa é próxima
mas sinto-me excluída
a alegria a léguas de mim.
Sei, a porta está fechada
e só me resta a esmola
piedosa da música.

Em que limiar estou
entre sono e sonho?
(É agora ou muito antes?)

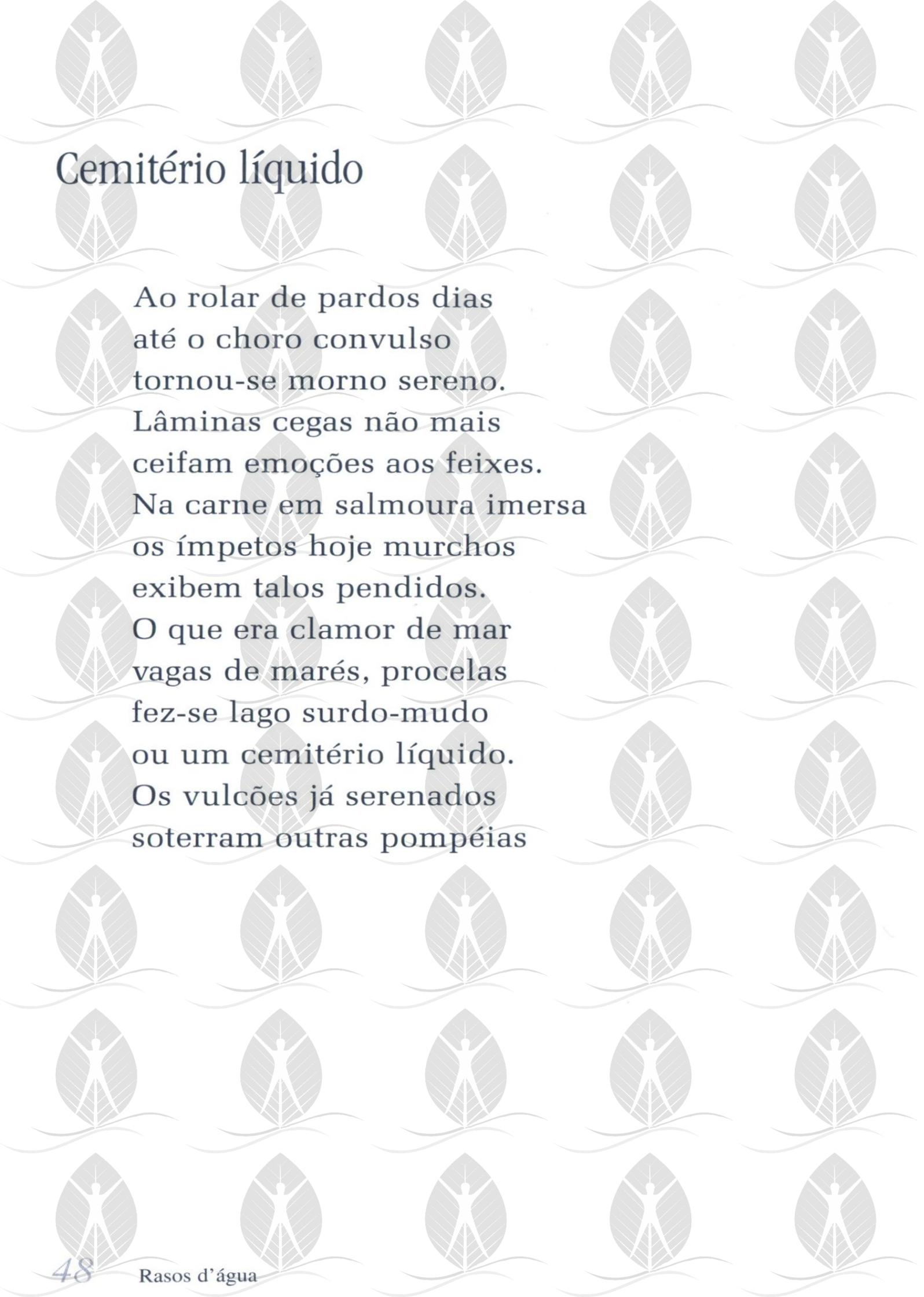
Sim, há uma porta
escancarada pra mim
numa festa remota.



Para alcançar o salão
devo andar de costas.

Reconheço os rapazes.
Cintura cingida, volteio
enlaçada no abraço
rosto rente a rostos,
corpo junto a corpos.
Coração indócil.

Alguém me toma pela mão:
– Vem ouvir outra seresta,
Vamos ao jardim, à moita
da flor amor-agarradinho.
Vem provar a melhor festa.



Cemitério líquido

Ao rolar de pardos dias
até o choro convulso
tornou-se morno sereno.

Lâminas cegas não mais
ceifam emoções aos feixes.

Na carne em salmoura imersa
os ímpetos hoje murchos
exibem talos pendidos.

O que era clamor de mar
vagas de marés, procelas
fez-se lago surdo-mudo
ou um cemitério líquido.

Os vulcões já serenados
soterram outras pompéias

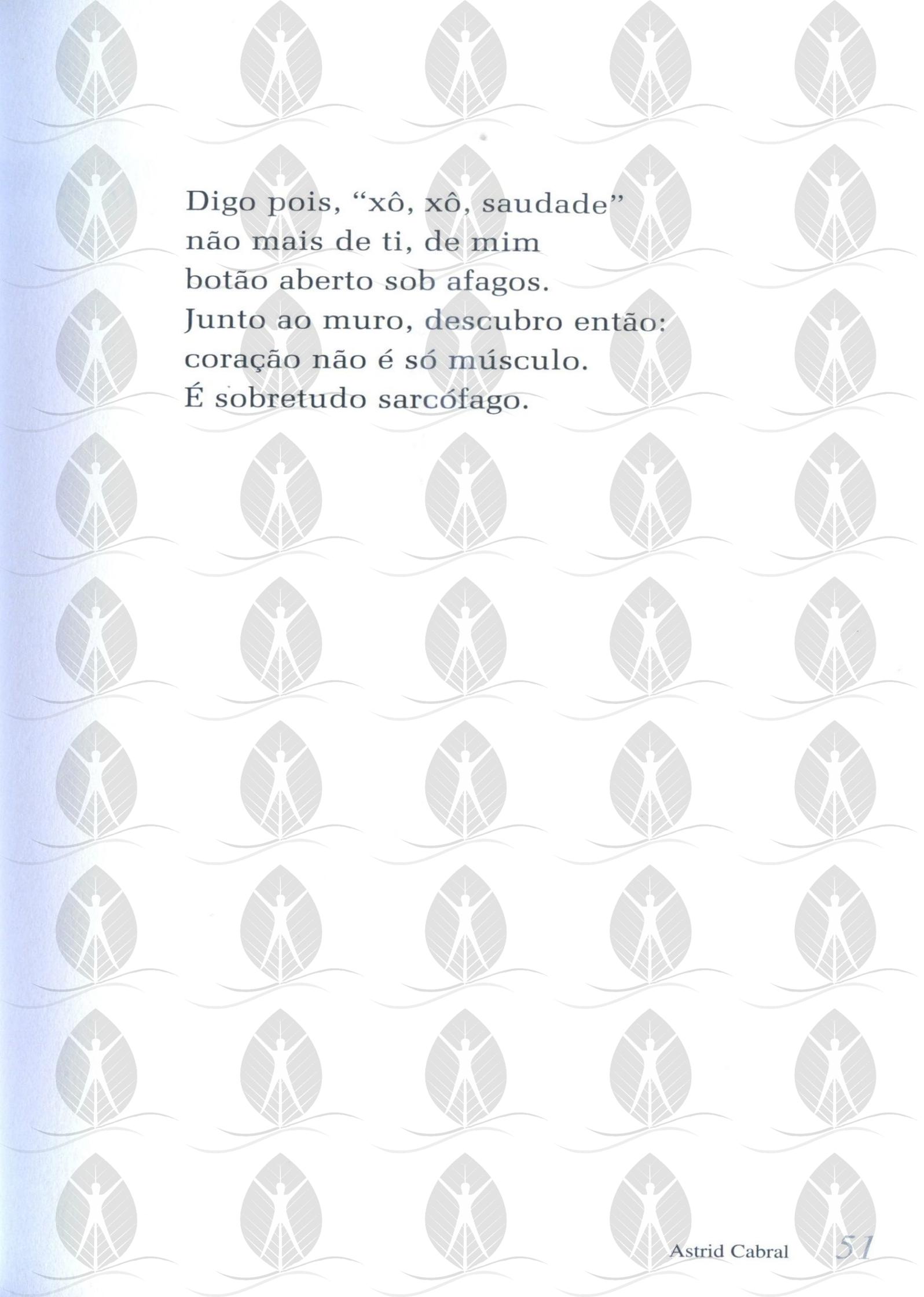


e o hábito, tão-só o hábito
é a corda que lhe gira
os rasos gestos em que
gasta o restante dos dias.

Cenário antigo

O oitizeiro junto ao muro
cresceu somente um pouco.
No portão há mais ferrugem
e a casa abrigou o musgo
além das rugas lavradas
sob o terçado das chuvas.
A rigor, nada mudou.

Mas onde as palavras ternas
(que supunha eternas)
as carícias ainda tímidas
o êxtase das descobertas?
É como se tudo houvesse
escorrido pelo ralo
e o vivido não passasse
de sonho ou imaginação.
Foste embora e ora retornas
feito alma penada, igual
àquelas que rondavam
o meu pavor de criança.



Digo pois, “xô, xô, saudade”
não mais de ti, de mim
botão aberto sob afagos.
Junto ao muro, descubro então:
coração não é só músculo.
É sobretudo sarcófago.

A casa no breu

Faz tanto tempo
que deixei aquela casa.
Confesso: não sei mais
da estrada nem da chave.
É como se ficasse em cidade
sem nome, em outro planeta
ou nem existisse mais.

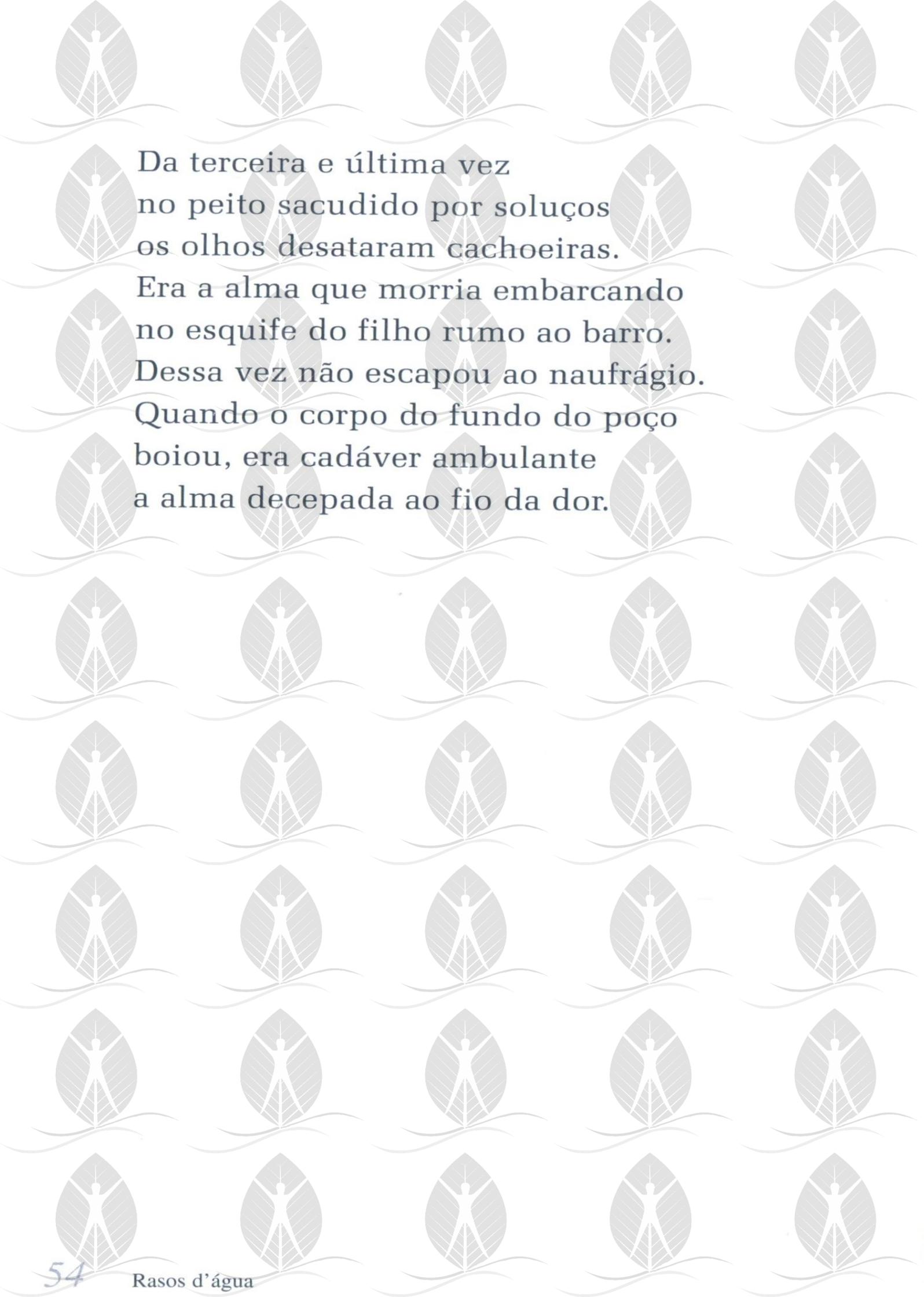
No entanto não sei como
de vez em quando algo
me arrebatava e me arrasta
ao seu regaço de breu.
Tudo o que ouço é o vôo cego
dos morcegos no vão das telhas
e uma torneira pingando
sem parar.

Será o choro de minha mãe na sala
ou serei eu mesma em pranto?

Morte por água

Da primeira vez
ninguém se deu conta do perigo.
Até a mãe sorriu pensando
como é dramática essa filha
e reviu-a sob um pé de acácias
desmaiada fingindo-se de morta.
Sorte que aos gritos de socorro
um anjo surgiu de entre as ramas
arrebatando-a ao umbigo do rio.

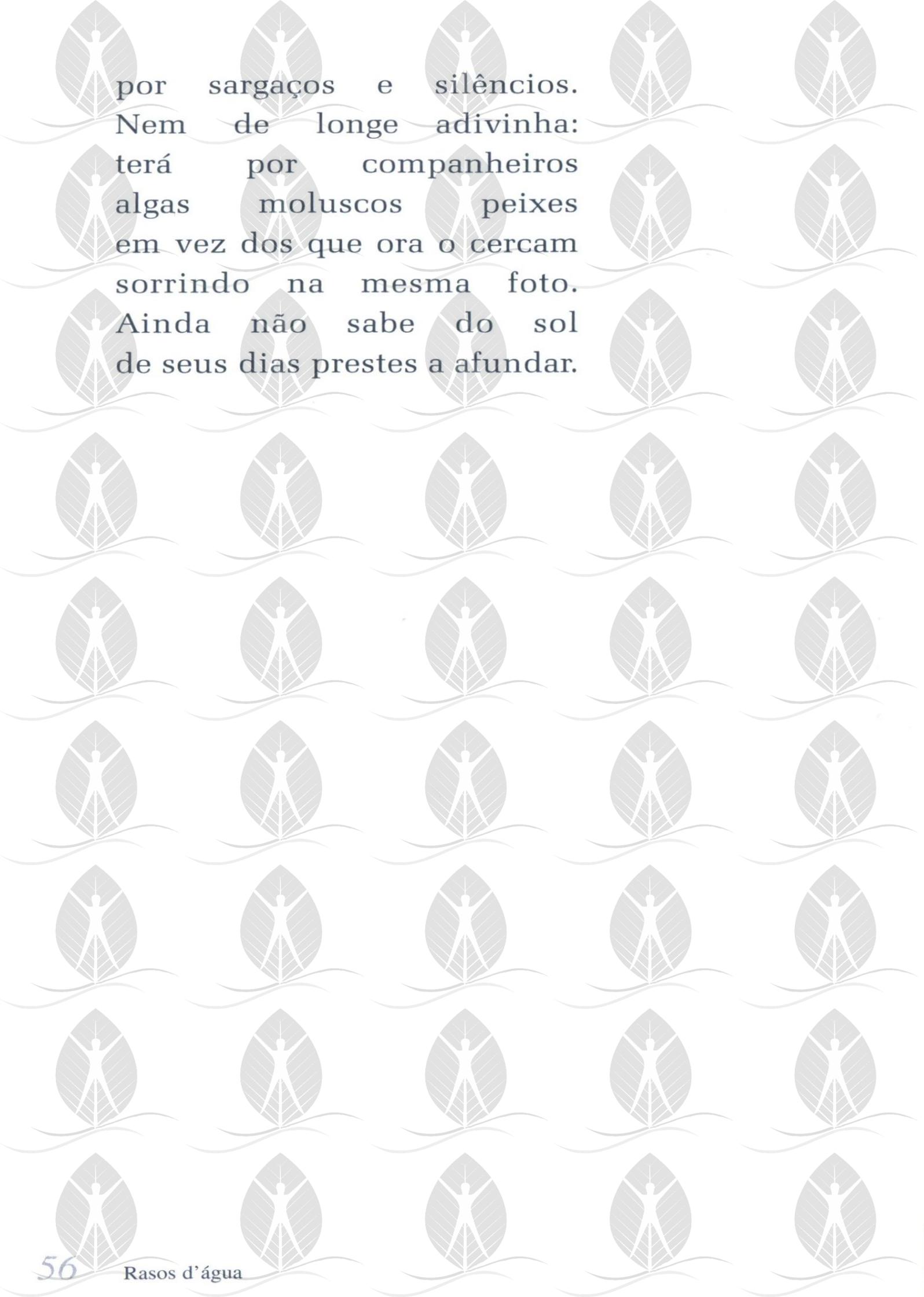
Da segunda vez
a muralha do mar desmoronou-se
mortalha sobre o vulto de sereia.
Mas rolava um tempo de amor cortês
e gestos de bravura. Sem demora
dois cavalheiros surgiram da areia
e cavalgando o dorso das ondas
venceram o monstro marinho
em vassalagem à jovem dama.



Da terceira e última vez
no peito sacudido por soluços
os olhos desataram cachoeiras.
Era a alma que morria embarcando
no esquife do filho rumo ao barro.
Dessa vez não escapou ao naufrágio.
Quando o corpo do fundo do poço
boiou, era cadáver ambulante
a alma decepada ao fio da dor.

Retrato do tio marinheiro

Ei-lo no convés ao sol
o mar bem a seus pés
além do soalho no barco.
O rosto belo e sereno
revela a ilusória paz
do futuro ignorado.
Fruí a ventura de ser jovem
entre âncoras a baixar
e subir por terras
e águas se alternando
no rumo de bússolas
e proas abicando praias.
Nem de longe adivinha
a viagem submarina
próxima e definitiva
a rondá-lo implacável.
Nem de longe adivinha
o solitário naufrágio
que o conduzirá ao sombrio
território de água e sal.
Nem de longe adivinha:
trocará palavras e abraços



por sargaços e silêncios.
Nem de longe adivinha:
terá por companheiros
algas moluscos peixes
em vez dos que ora o cercam
sorrindo na mesma foto.
Ainda não sabe do sol
de seus dias prestes a afundar.

Cinzas na Guanabara

Para Helena Ferreira

De leve toco na pele
do mar a tez de Clotilde.
Sinto na orla da espuma
despido de cor ou som
seu sorriso a se afogar.
Adivinho-lhe nas vagas
o volume frio das mãos
o corpo que me abraçava.
Quem na terra foi compacta
presença, sutil passeia
agora em campinas d'água
dorme elíptica na areia
cabelos presos em algas.
A figura tão visível
– escondida para sempre
na mortalha azul sem fim –
do mar da lembrança emerge.

O clã dividido

Pouco a pouco foram partindo sem deixar endereço nem levar bagagem. Uns procederam ao ritual do adeus com seus lenços e lances pungentes. Outros foram embora de súbito causando susto e pânico aos demais. Todos porém suscitarão soluços e choro nos que ficaram a ruminar recordações e casos, mastigando velhas conversas revendo fotos carimbadas de nuncamais. No entanto era um clã coeso, amarrado por algemas de genomas e de vivências comuns, parcerias, afetos e afinidades. Mas foi se desintegrando feito casa minada desmoronando sob chuvas brabas, alicerces carcomidos de cupim. Os sobreviventes moribundos tentam o diálogo impossível à borda do abismo. Estão roucos de tanto clamar aos céus e chamar pelos desertores apressados. Todos tão distantes que não respondem. Irremediavelmente surdos-mudos.

Lívido alívio

A despedida foi lenta:
caso de morosos meses
progressos e retrocessos.

O corpo na horizontal
(já na posição futura).

O desespero evitado
pelo desejo da cura.

A lembrança do milagre
falsa chama iluminando.

Dias cravados de sustos
de gratuitas ilusões.

Juntas, séquitos de médicos
e alvos vultos desfilando
por corredores escuros.

Cortejo de conhecidos
constrangidos pela dor
sem partilha, o privilégio
de ainda deter a vida
sem ameaça imediata.



Horas se arrastando lerdas
pingar de soros e choros.
Sob o gaguejo das rezas
a impotência oprimindo todos
até o lívido alívio.

Mudança

Evaporaram com ela
a alfazema na alcova
e a canela na sobremesa.
Juntos sumiram o brilho
de alfaías espelhos vidros
murmúrio de pés no chão
cochicho de mãos em bilros.
Resta o tremor das avencas
no alpendre abandonado
e o trinado dos canários
no amanhecer do quintal.
Não adianta procurá-la
na lápide do subúrbio longe.
Ela nunca esteve mais perto
ancorada de vez em teu peito.

Último retrato

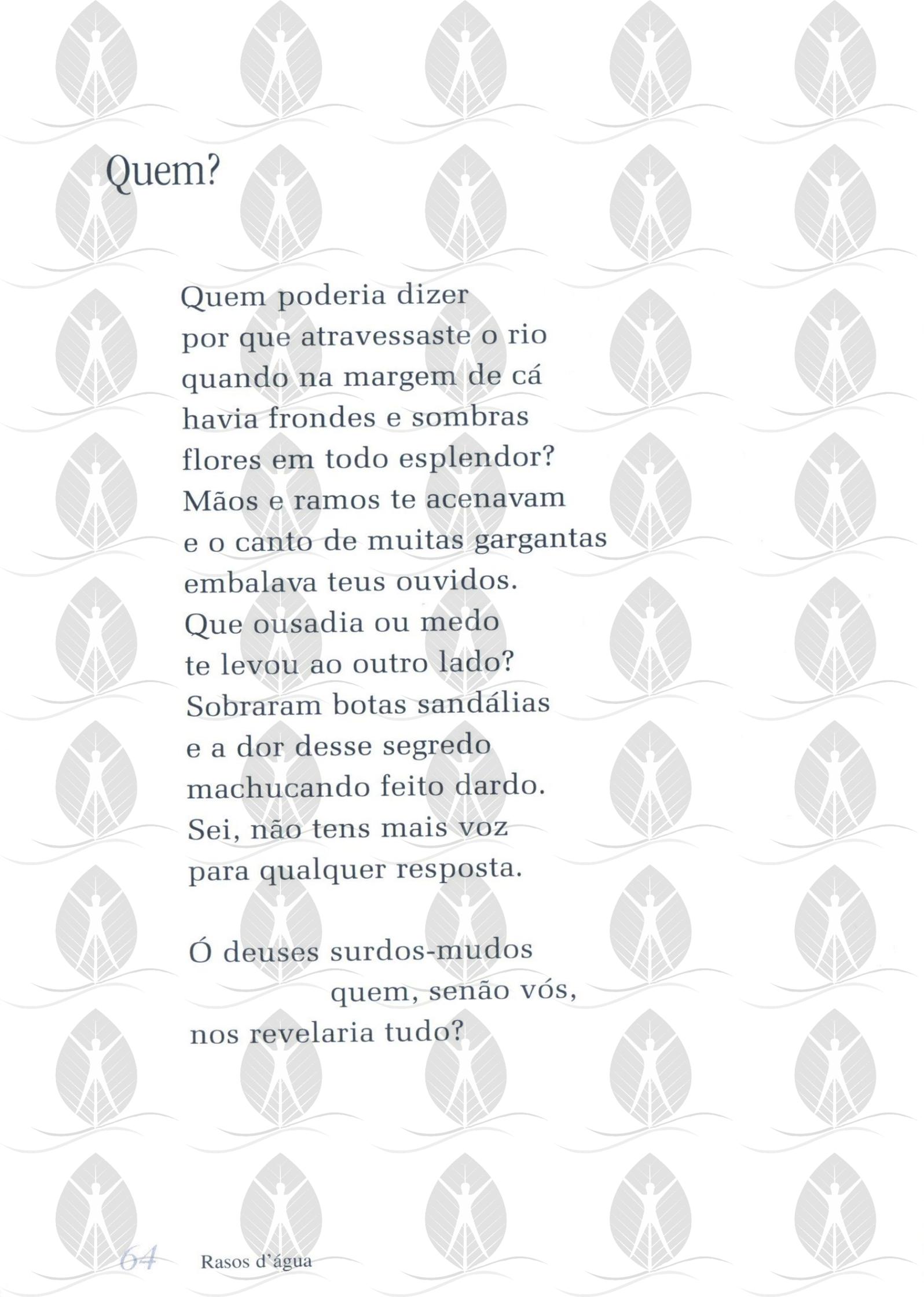
Olhos embaçados
Ouvidos vagos
Voz abafada
Pele de sapo
Passos de cágado
A terceira dentição
A terceira perna
Gestos amarrados
Corpo trêmulo
Mente trôpega
Ossos vulneráveis
Veias entupidas
Pela manhã os
pés no formigueiro
À noite a cabeça
na mata de grilos
A lenta despedida
O encontro marcado
adiado a drágeas

Tatuagem

Em mim esta indelével tatuagem:
não mera mancha, nódoa em tela ou derme
na alma, porém, em sua oculta carne.
Não com as longínquas tintas do Pacífico
mas com os sombrios tons do que é tragédia.

Há um verde de ramos desmaiados
preto piche de noite desestrelada
um vermelho a pender para o tom roxo:
sangue sustado no fluxo do corpo.

Vê-se uma árvore que se contorce
sob o brutal impacto de um carro
enquanto os deuses arrebatam um jovem.



Quem?

Quem poderia dizer
por que atravessaste o rio
quando na margem de cá
havia frondes e sombras
flores em todo esplendor?
Mãos e ramos te acenavam
e o canto de muitas gargantas
embalava teus ouvidos.
Que ousadia ou medo
te levou ao outro lado?
Sobraram botas sandálias
e a dor desse segredo
machucando feito dardo.
Sei, não tens mais voz
para qualquer resposta.

Ó deuses surdos-mudos
quem, senão vós,
nos revelaria tudo?

Recado sem endereço

Hospedei-me entre sombras
desafiando fantasmas
e vozes desencarnadas:
nada

Por toda parte ausência
Por toda parte silêncio

Canais de comunicação bloqueados?
Teu desejo de distância?
Desprezo por este mundo?

Não perdeste muitas coisas:
o vago esplendor das horas
a alegria de algum amor



De outras foste poupado:
desencontros, desilusões
doenças, derrotas, decadência

Desconfio que estás
no recinto da glória
em bem melhor esfera
A terra, sem erro:
este desterro

Soneto

Junto a mim decorreu a tua vida
no curto tempo em que fui tua casa.
Parêdes de osso e carne eram guarida
quando no sono o ser desabrochavas.

Do amor à sombra e posto a meu cuidado
em tantas terras e sob tantos tetos
a espalhar alegria em todo lado
preso estavas nas redes de um afeto.

Se de mim te afastavas te seguia
adivinhando aflita a tua trilha
até no emaranhado mapa vê-la

a esperar, a esperar que em algum dia
retornasses, atrás deixando a ilha.
Teu endereço agora é nas estrelas.

Vilanela

Nunca mais o clarão do teu sorriso,
que é do meu mundo sol particular,
há de raiar sobre este chão que piso.

Agora sei, perdi meu paraíso
horas completas não irão voltar.
Nunca mais o clarão do teu sorriso

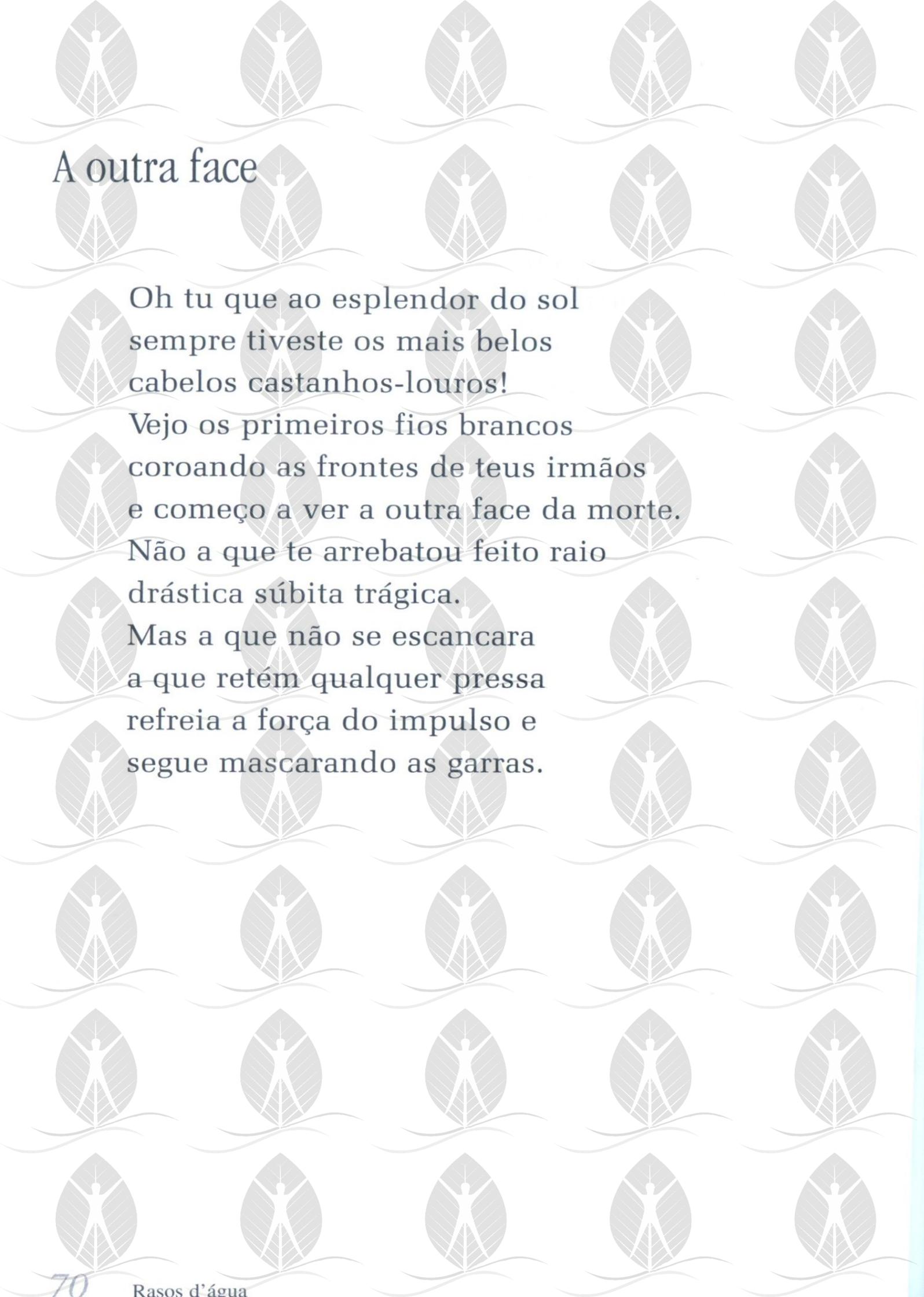
há de secar a chuva ou o granizo.
Somente a estrela negra do pesar
há de raiar sobre este chão que piso.

O que tive ou em sonho valorizo
perdi quando perdi o teu olhar.

Nunca mais o clarão do teu sorriso
quebrará o silêncio com seu guizo
de juventude transbordando no ar.
Há de raiar sobre este chão que piso



só a esperança na hora do Juízo
quando Deus te fizer ressuscitar.
Nunca mais o clarão do teu sorriso
há de raiar sobre este chão que piso.



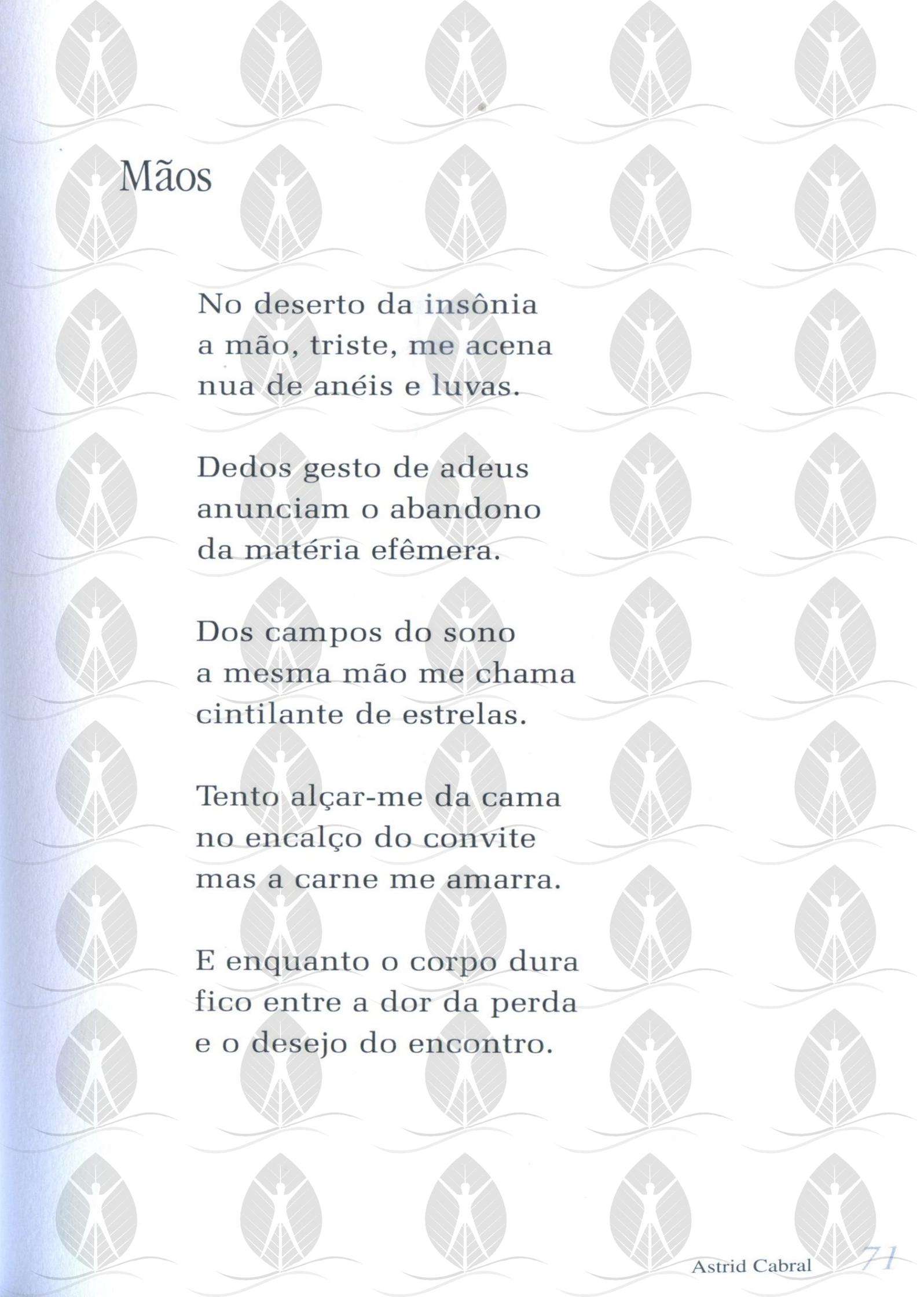
A outra face

Oh tu que ao esplendor do sol
sempre tiveste os mais belos
cabelos castanhos-louros!

Vejo os primeiros fios brancos
coroando as fronteiras de teus irmãos
e começo a ver a outra face da morte.

Não a que te arrebatou feito raio
drástica súbita trágica.

Mas a que não se escancara
a que retém qualquer pressa
refreia a força do impulso e
segue mascarando as garras.



Mãos

No deserto da insônia
a mão, triste, me acena
nua de anéis e luvas.

Dedos gesto de adeus
anunciam o abandono
da matéria efêmera.

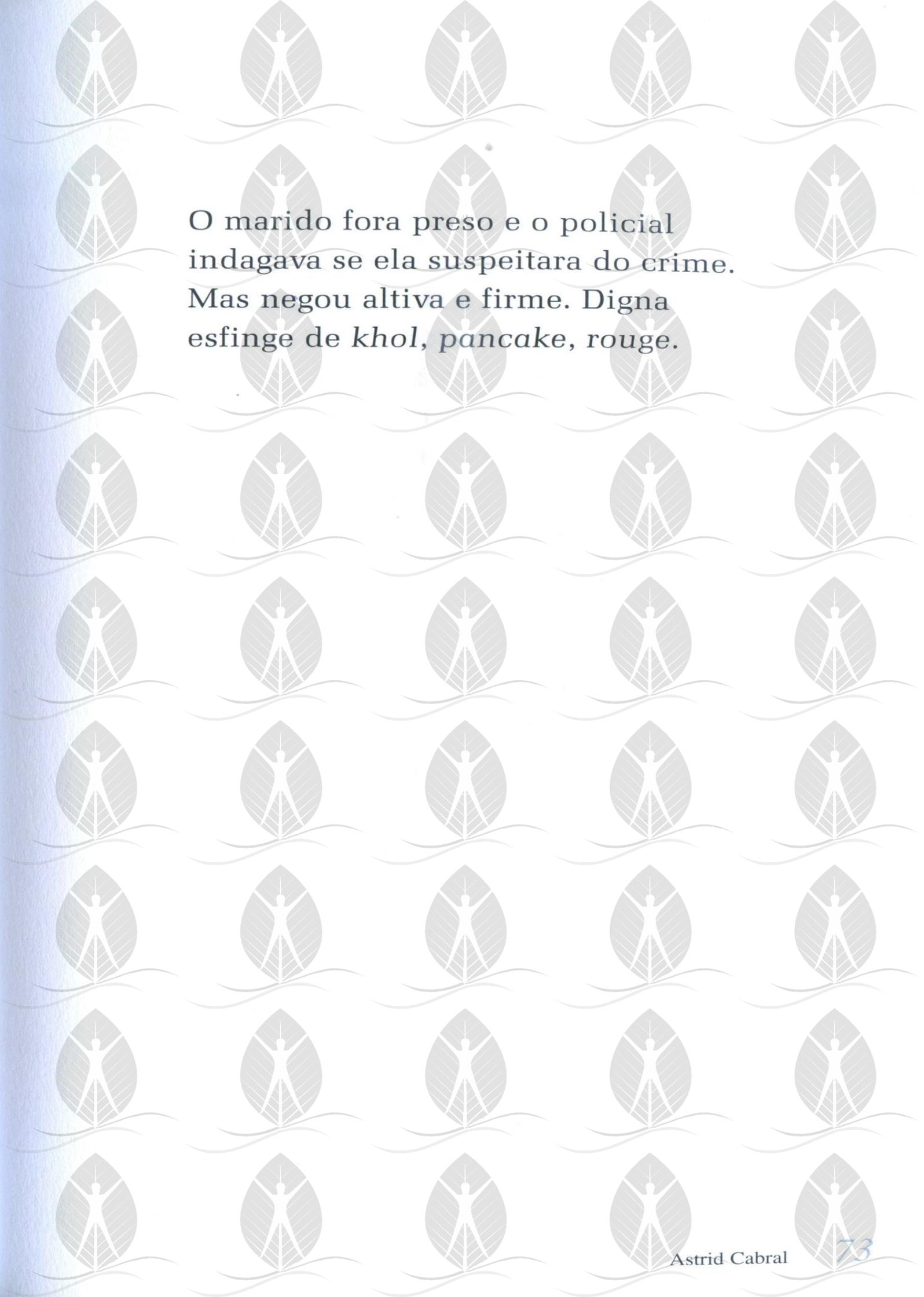
Dos campos do sono
a mesma mão me chama
cintilante de estrelas.

Tento alçar-me da cama
no encaço do convite
mas a carne me amarra.

E enquanto o corpo dura
fico entre a dor da perda
e o desejo do encontro.

Amargas tâmaras

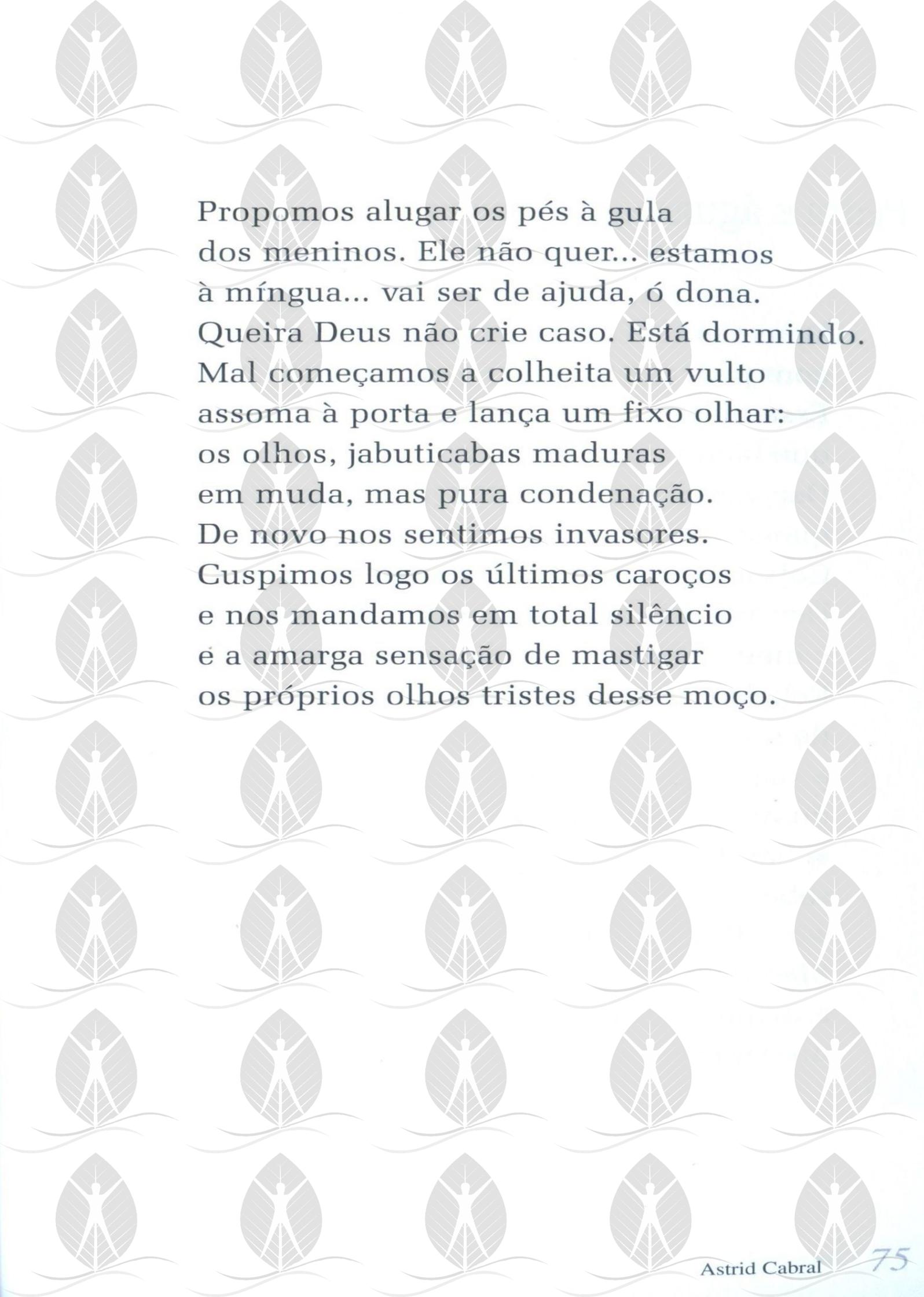
Oásis aveludado de sombras
aquele mercado de tâmaras.
Quase tropeçamos entre os cestos
transbordando frutos e cores.
Ela me disse todas estão amargas.
Prova esta outra, propus, puro mel.
Ela retraiu-se, é minha boca, eu sei.
Contemplei-a de frente e surpreendi-lhe
o aflito olhar se desmoronando líquido
sobre o *khol*, o *pancake*, o *rouge*.
Então falei, sou toda ouvidos, pode confiar.
Sou tumba inviolável, ladrão nenhum
arranca de mim ouro de faraó.
Algo terrível está por acontecer,
soluçou convulsa até reconquistar
o silêncio e sumir no burburinho
em meio à multidão de túnicas.
No regresso da viagem reencontrei-a
na primeira página do matutino.



O marido fora preso e o policial
indagava se ela suspeitara do crime.
Mas negou altiva e firme. Digna
esfinge de *khol*, *pancake*, *rouge*.

Pomar proibido

Outubro as jabuticabas detrás dos muros
nos chamam a vasculhar vilarejos atrás
do esplendor dos quintais em fruto e flor.
O aroma da terra e o vôo das abelhas
bastam para alvoroçar a criançada e
suscitar mil fagulhas interiores.
Em Traíras vêem-se chãos devastados
com árvores esqueletos de carvão.
Acaso chegávamos com atraso
à breve festa das jabuticabas?
Nem tanto. Junto à casa de varandas
uma safra intocada: baixos galhos
fartos pendem pesados entornando
um tapete de bagas berinjelas.
Fora os mosquitos zunindo fininho
farejando as frutinhas semipodres
reïnã estranhos silêncio e solidão
acusando os malvintos invasores.
Batemos palmas sobre palmas. Nada.
Gritamos ó de casa até quando surge
a velhinha, mãos no avental molhado.



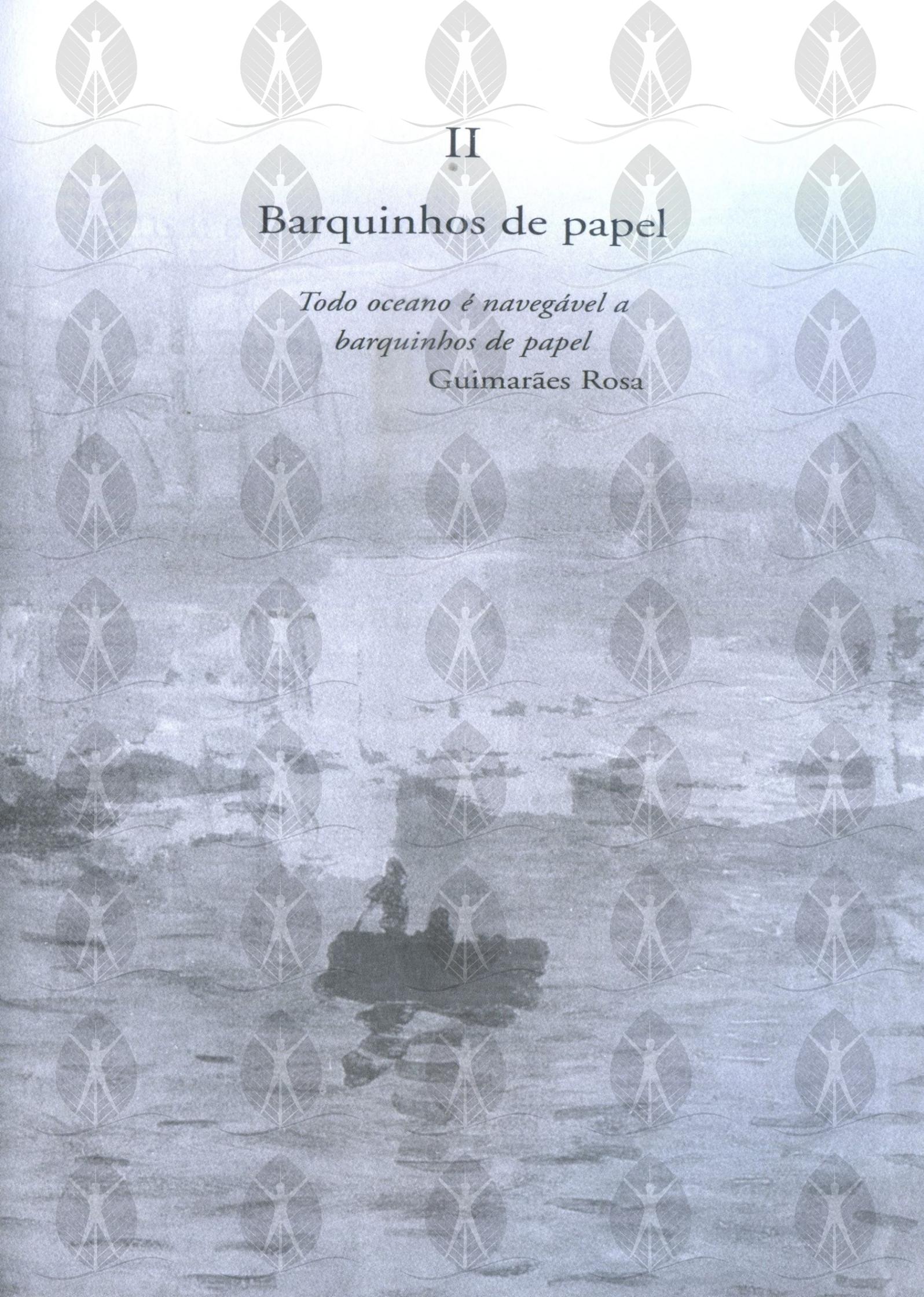
Propomos alugar os pés à gula
dos meninos. Ele não quer... estamos
à míngua... vai ser de ajuda, ó dona.
Queira Deus não crie caso. Está dormindo.
Mal começamos a colheita um vulto
assoma à porta e lança um fixo olhar:
os olhos, jabuticabas maduras
em muda, mas pura condenação.
De novo nos sentimos invasores.
Cuspimos logo os últimos caroços
e nos mandamos em total silêncio
é a amarga sensação de mastigar
os próprios olhos tristes desse moço.

Pedra e água

Deus me deu parentesco
com pedra penha rocha.
Essa maneira de ser
que fácil não se dobra.
Deu-me o gosto pelas coisas
que se demoram e perduram.
Coisas consistentes, sólidas.
Deu-me premissas e amarras
e memórias arquivadas.
Rebelde, embalo o sonho
de ser água, forma indefinida
e vaga, abraçando as curvas
do mundo tal qual ele é
achando que todo chão dá pé
sabendo a natureza do existir
ser o fluir e o escorrer.
Meu desejo mais profundo
é dispersa navegar
no ventre imenso das águas.



Livre de prévio contorno
entregar-me a todo jorro
no impulso de alegre união.
Oh ser feito águas no gelo
que ao se livrarem do gesso
lançam-se cegas no pélagos!



II

Barquinhos de papel

*Todo oceano é navegável a
barquinhos de papel*

Guimarães Rosa

Hokusai e a grande onda

Hokusai disse à onda:
Aquieta-te, inquieta.
Égua d'água detém
no ar o impulso das patas.
Quero-te estátua eqüestre
as crinas de cristal.

Mãos de deus, Hokusai
bota o tempo nas grades
logra o triunfo da arte.
Tinta e papel em vagas
rebolam celebrando
a proeza pelas praias.

Devorador de troféus,
o mar segue zombando:
Oh presunção utópica!
Oh ilusão de ótica!
Cedo ou tarde, ele engole
os inúteis papéis.

Mar incansável mar

Mar incansável mar
eterno a murmurar
sílabas de sol e sal
mar a embalar

molhadas multidões
vãos implumes de cardumes
manadas de mamíferos marinhos
polvos lulas conchas crustáceos
matas de corais e moitas de algas
a desabrochar e a dançar
em covas e cavas

mar a se espriaiar
em litorais de rasas praias
rendas de restingas

mar a se chocar em cascós
de altos penhascos
escarpas de costas brutas

mar incansável motor



a multiplicar espumas
rápidas dunas d'água
lombadas
lambadas bolhas trás bolhas
ondas trás ondas
mar órgão colossal a gerar
sons sílabas sussurros urros
mar pasto de mistérios
insolúveis no azul
translúcido ou noturno
mar cemitério
velas caravelas âncoras
ossos destroços
ferros-velhos
mar de mudas falas
significados de silêncios
mar música pura
mar saliva suor pranto
de um arcaico deus oculto.

O azul assassino

O mar, o mar, oh deleite,
atravesso-lhe montanhas
e morros como se fossem de azeite.

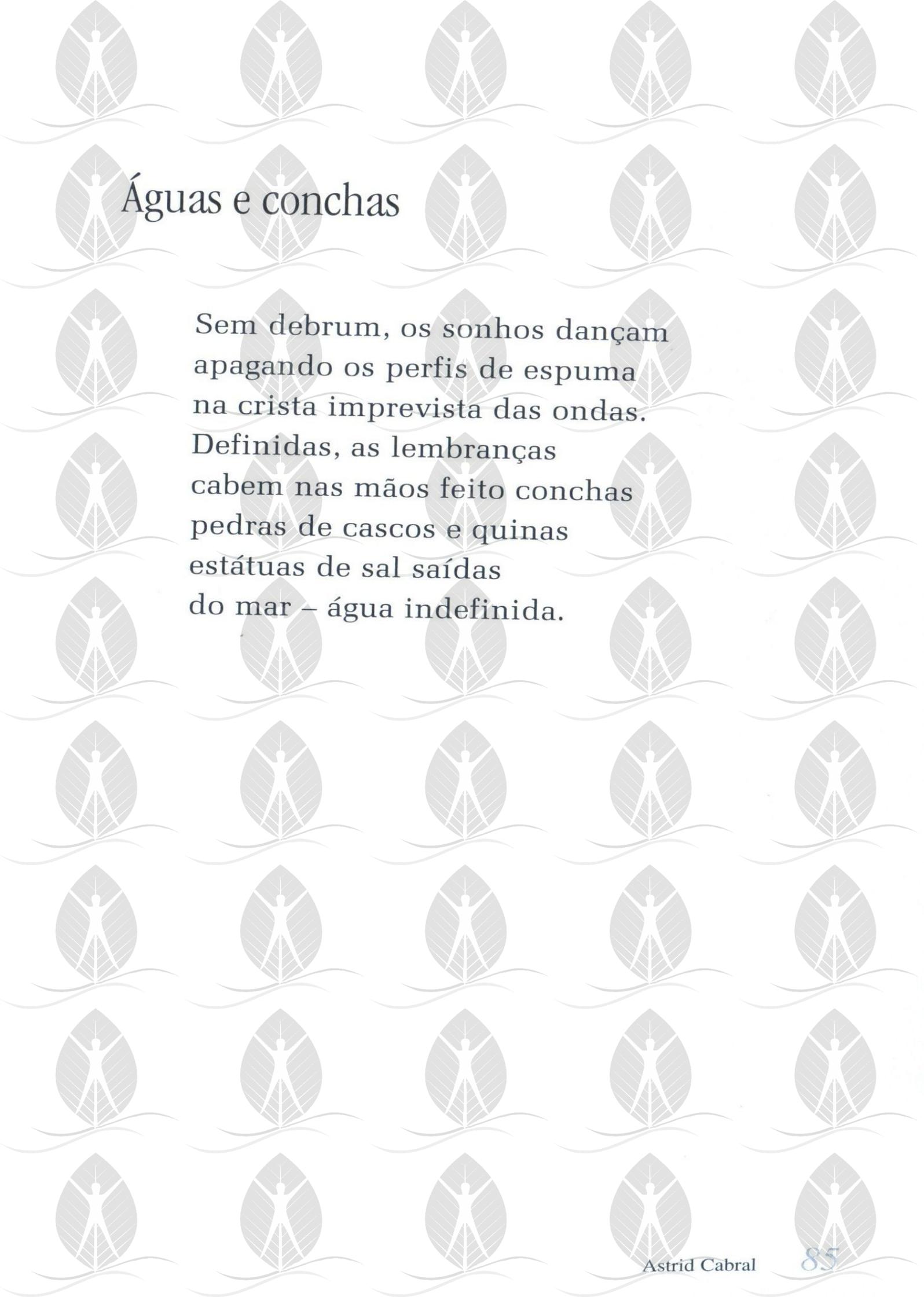
Na pele o líquido luar
e a saliva sal das vagas.

Contudo eis que chegam a mim
sujo e ferrugem de quilhas

reliquias de sonhos a pique
sobras de mastros e velas
restos de monstros, de vidas.

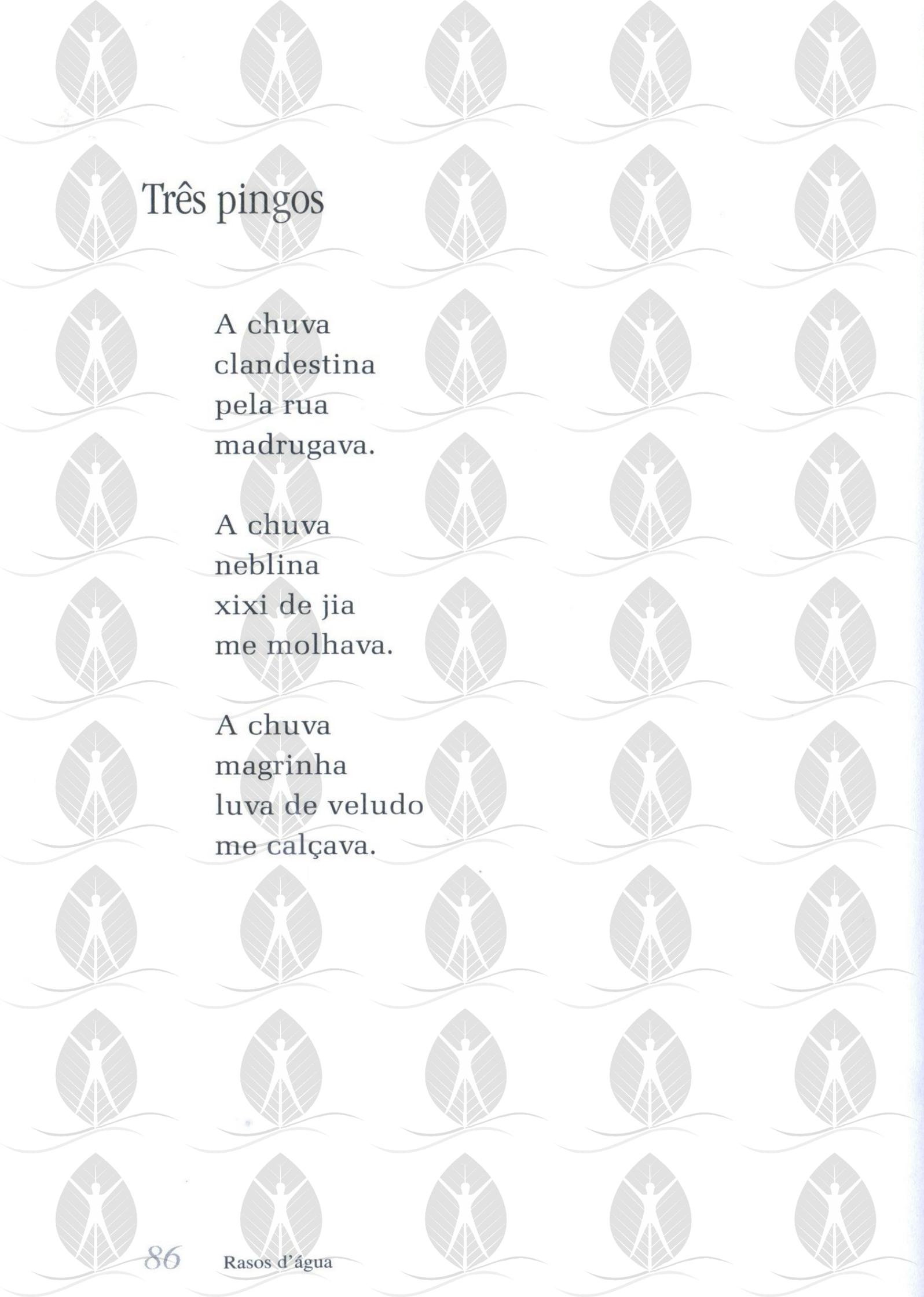
Tudo escondido nas dobras
cheias de sombra, sem lume
do imenso azul assassino.

Lembrem-se apenas cardumes.



Águas e conchas

Sem debrum, os sonhos dançam
apagando os perfis de espuma
na crista imprevista das ondas.
Definidas, as lembranças
cabem nas mãos feito conchas
pedras de cascos e quinas
estátuas de sal saídas
do mar – água indefinida.

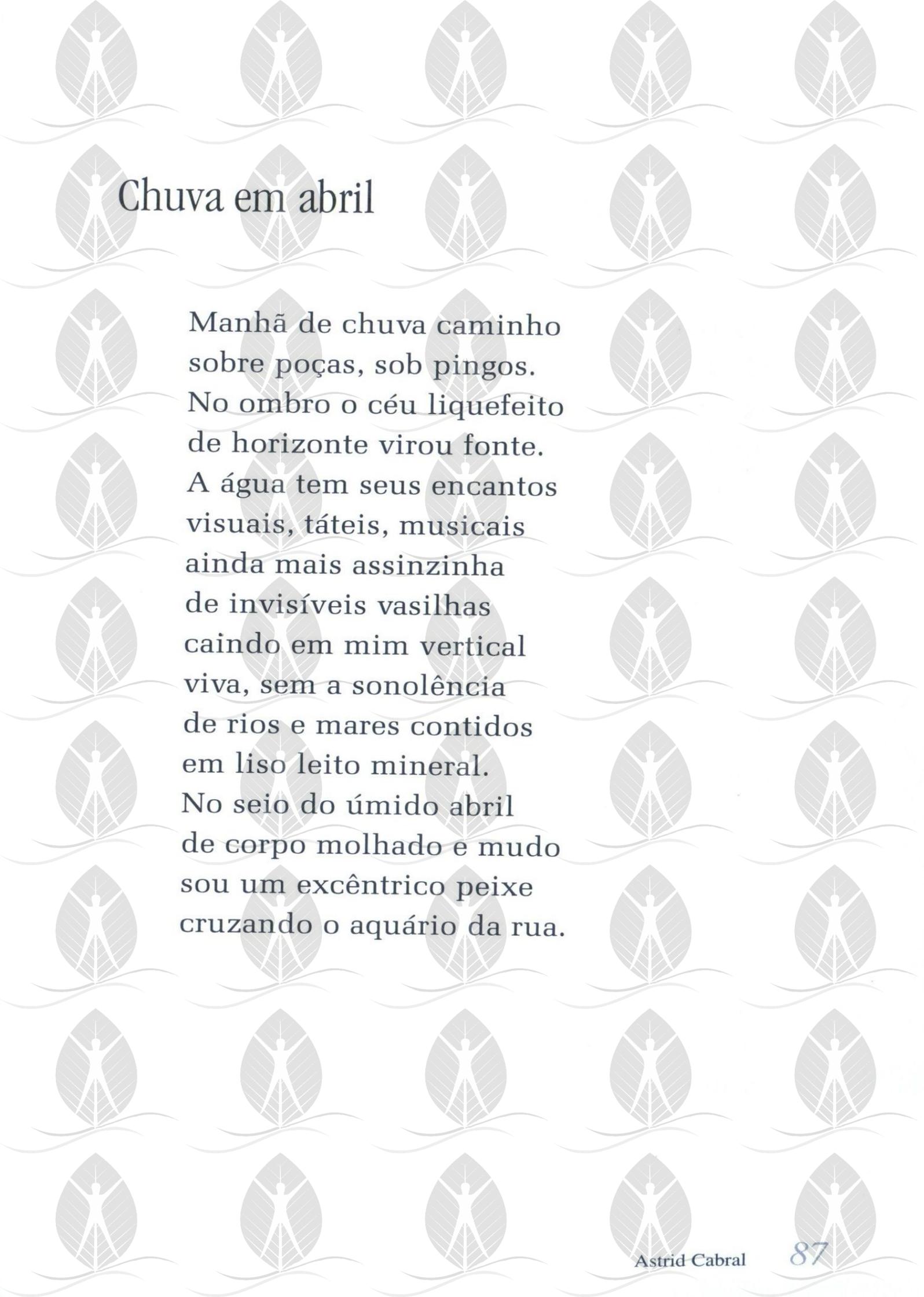


Três pingos

A chuva
clandestina
pela rua
madrugava.

A chuva
neblina
xixi de jia
me molhava.

A chuva
magrinha
luva de veludo
me calçava.



Chuva em abril

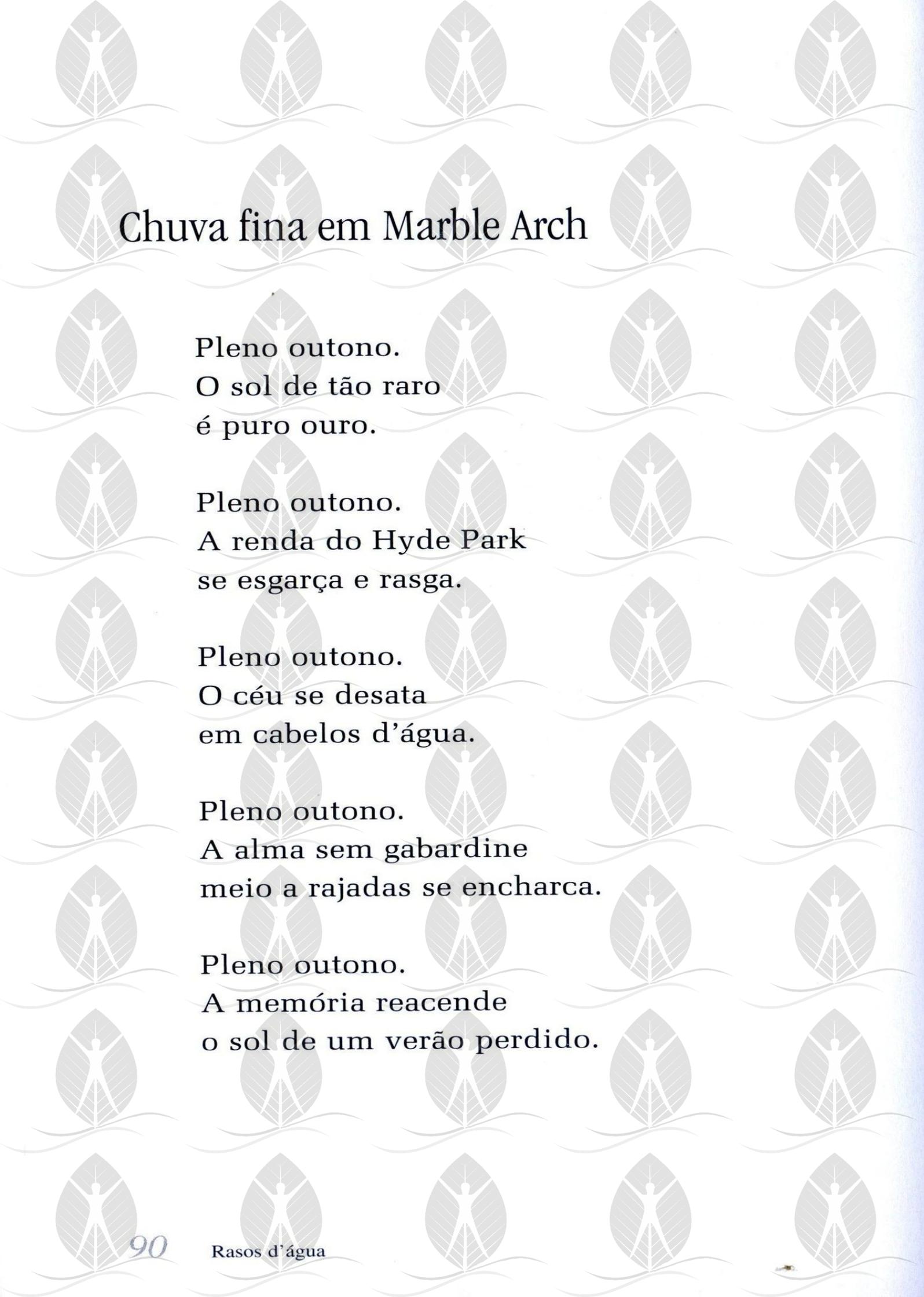
Manhã de chuva caminho
sobre poças, sob pingos.
No ombro o céu liquefeito
de horizonte virou fonte.
A água tem seus encantos
visuais, táteis, musicais
ainda mais assinzinha
de invisíveis vasilhas
caindo em mim vertical
viva, sem a sonolência
de rios e mares contidos
em liso leito mineral.
No seio do úmido abril
de corpo molhado e mudo
sou um excêntrico peixe
cruzando o aquário da rua.

Chuva grossa em Marble Arch

As ruas são rasos rios.
Carros répteis se arrastam
sob rajadas d'água.
Tontos ousamos vadear
o cinzento céu desabado.
Cogumelos de pano e ferro
desabrocham na falsa primavera
e driblam os líquidos fios
com as mínimas marquises
de ambulantes beirais.
Precoce a noite mergulha
neons na profusão das águas.
O vento fustiga o mapa de Londres
entre as trêmulas luvas.
A memória, parca, não desvenda
o destino em meio ao labirinto.
O vento fustiga roupa e corpo.
Não resta a menor dúvida:
a navalha do frio, a renda do parque
a imponência de Marble Arch
são os mesmos, mesmíssimos
de algumas décadas atrás.



Quanto a nós, a meia-surdez
confunde o inglês, a catarata
semi-apaga palavras e cartazes.
Penam pés sob calos crônicos.
Somos lentos, pesados, cautos.
Somos seres sitiados, encharcados
de chuvas interiores.
Já sabemos, sol aqui é puro ouro
céu sempre a baixar dilúvios
sobre tijolos, relvados
e frágeis impermeáveis.
Sol, já sabemos, é aquele verão
renitente dentro de nós
aceso para sempre na recordação.



Chuva fina em Marble Arch

Pleno outono.
O sol de tão raro
é puro ouro.

Pleno outono.
A renda do Hyde Park
se esgarça e rasga.

Pleno outono.
O céu se desata
em cabelos d'água.

Pleno outono.
A alma sem gabardine
meio a rajadas se encharca.

Pleno outono.
A memória reacende
o sol de um verão perdido.



Pleno outono.
Holland Park se ilumina
fogo fênix sobre cinza.

Pleno outono.
Dos cílios um rio escorre.
Todo sol um dia morre.

Rios vermelhos

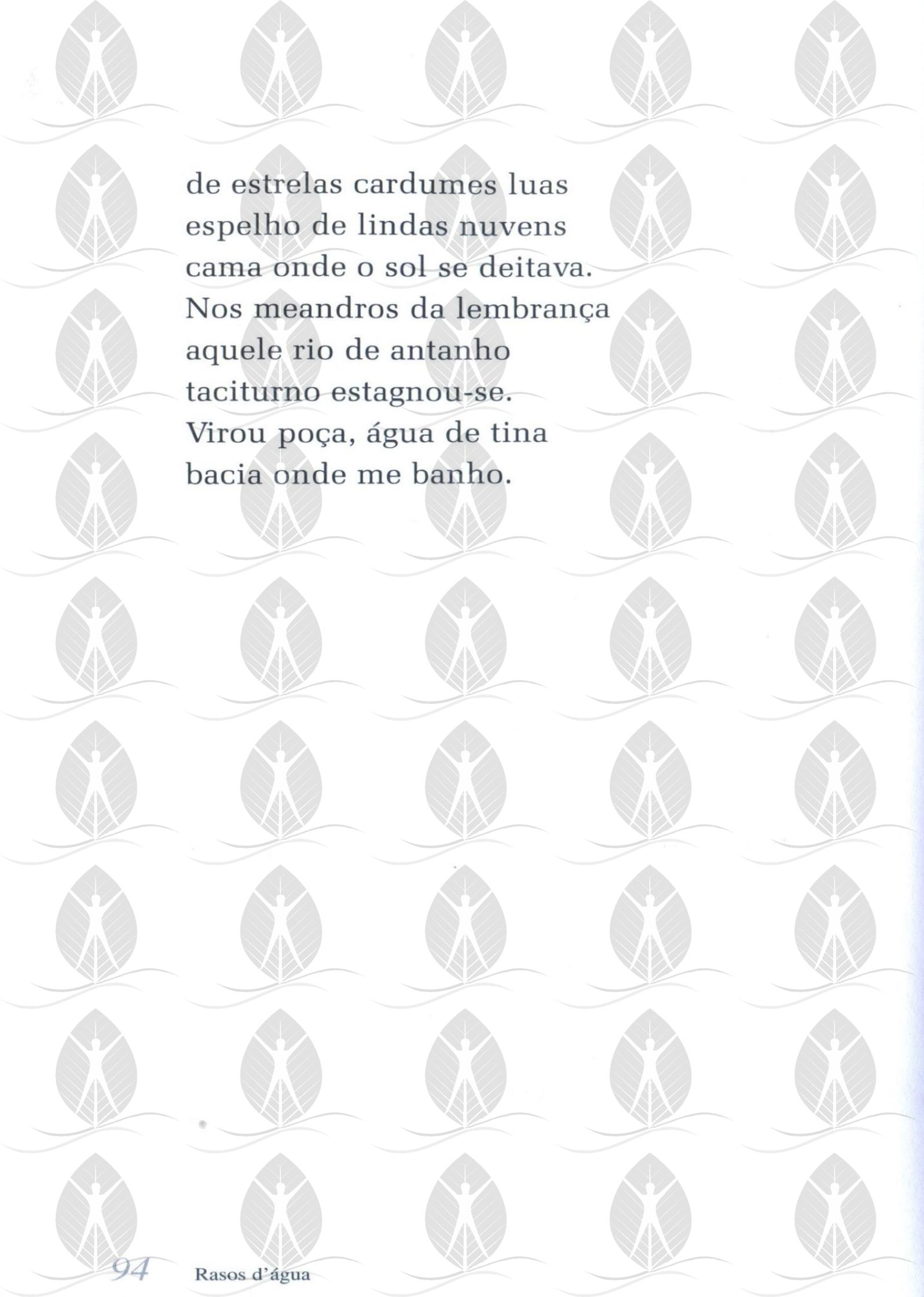
Antes pensava só naquele rolando nas bandas de Goiás o lombo de águas barro abóbora brigando com o verde do campo. Depois me dei conta de que havia muitos outros correndo escondidos em sítios refratários aos olhos.

Pela manhã costumavam pôr-se de pé tráfegando feito árvores ambulantes esgalhados em artérias veias capilares e à noite, deitavam-se na horizontal como se estivessem na terra ou em mapas abertos sobre a mesa. Tinham percurso discreto ao extremo, até diria secreto, não fosse o rumor que entretinham na fonte, salvo se algum acidente os perturbasse e os externasse em gotas pequenas ou em fluxo quente rubrescuro. Podiam então esgotar-se de vez e arrastar seus proprietários ao chão onde todos os rios costumam correr.

O rio de antanho

Para Aída e Dirceu Costa

Sangue na carne da terra
aquele rio em surdina
molhava-me os pés e a alma
de quando eu era menina.
Amanhecia comigo
embrulhado pelos xales
da mais branca cerração
e comigo anoitecia
embalado por cantigas
de mil mosquitos e grilos.
Ninguém a mim perguntasse
pelo berço do caudal
ou o endereço da corrente.
Para mim fosse redondo
seu deslizar de serpente.
Levando a face do tempo
na pele marrom do lombo
não passava de morada



de estrelas cardumes luas
espelho de lindas nuvens
cama onde o sol se deitava.

Nos meandros da lembrança
aquele rio de antanho
taciturno estagnou-se.

Virou poça, água de tina
bacia onde me banho.

Urubamba

Línguas d'água

barbas e bigodes de espuma
o rio lambe as pedras qual bicho
as recém-nascidas crias.

Só que as pedras são filhotes das montanhas
paridos em antigo parto sísmico.

De longe até parecem um rebanho

cujas formas agudas se perderam
na lima de milênios.

Lhamas? Vicunhas? Alpacas?

Algumas menores até lembram ovos fósseis
de pré-histórico lagarto ou ignoto sáurio.

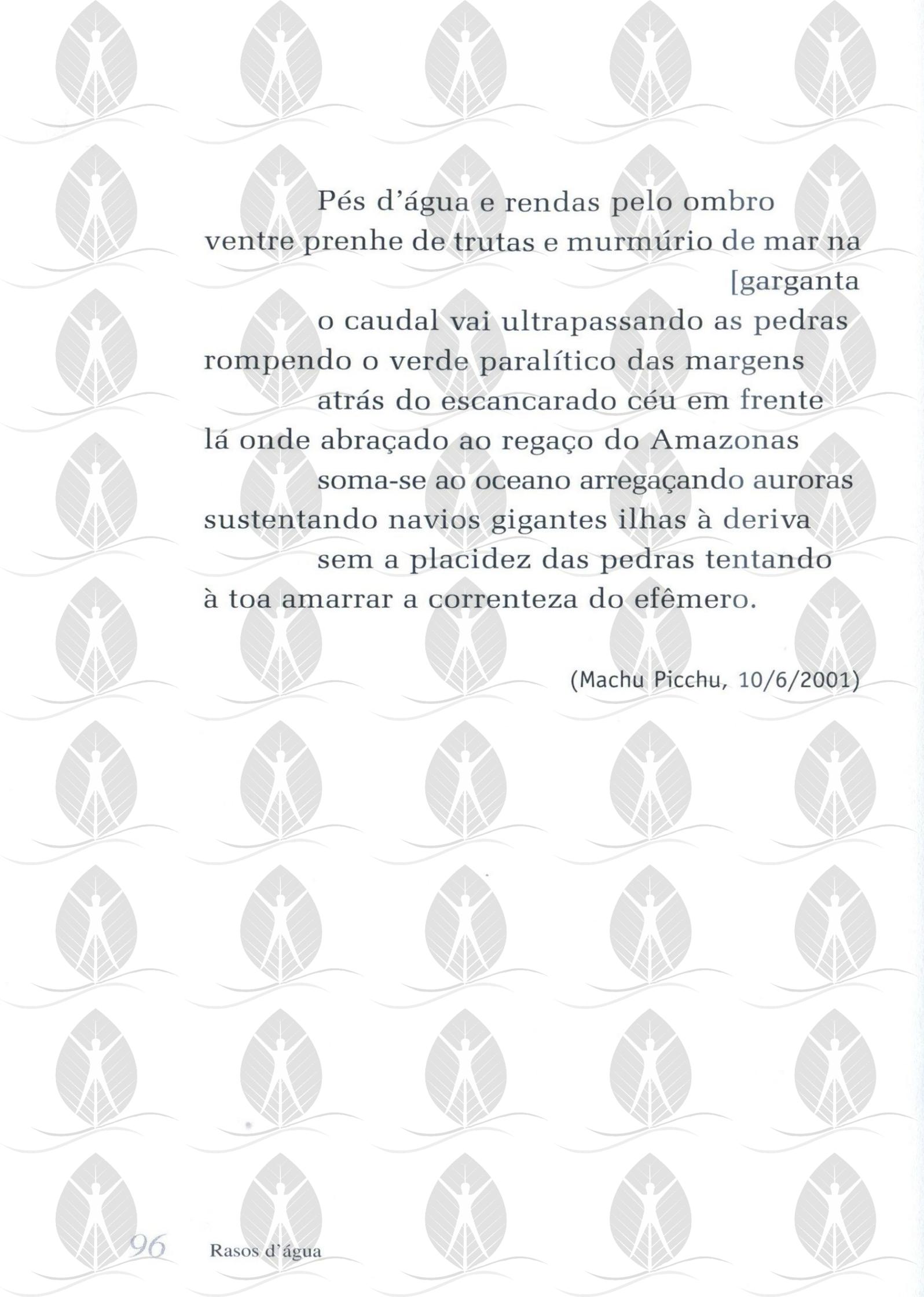
Só que o rebanho pasta imóvel.

As pedras presas por raízes de peso

são pausas brancas e têm pacto
com as paquidermes montanhas
hieráticas em molduras sagradas.

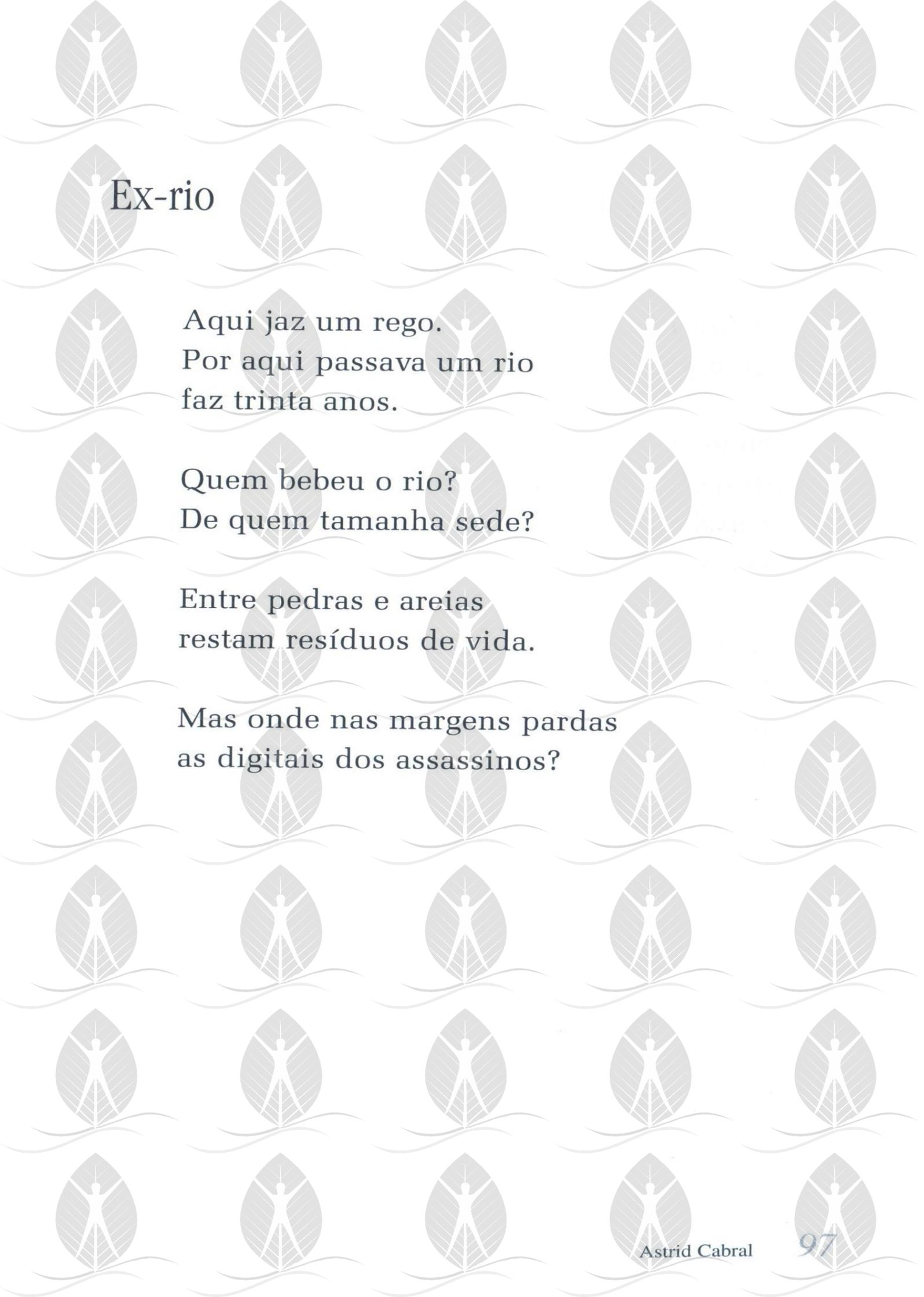
Mas o Urubamba célere, incontido

foge do cárcere da cordilheira
a vasta muralha dos paredões a pique.



Pés d'água e rendas pelo ombro
ventre prenhe de trutas e murmúrio de mar na
[garganta
o caudal vai ultrapassando as pedras
rompendo o verde paralítico das margens
atrás do escancarado céu em frente
lá onde abraçado ao regaço do Amazonas
soma-se ao oceano arregaçando auroras
sustentando navios gigantes ilhas à deriva
sem a placidez das pedras tentando
à toa amarrar a correnteza do efêmero.

(Machu Picchu, 10/6/2001)



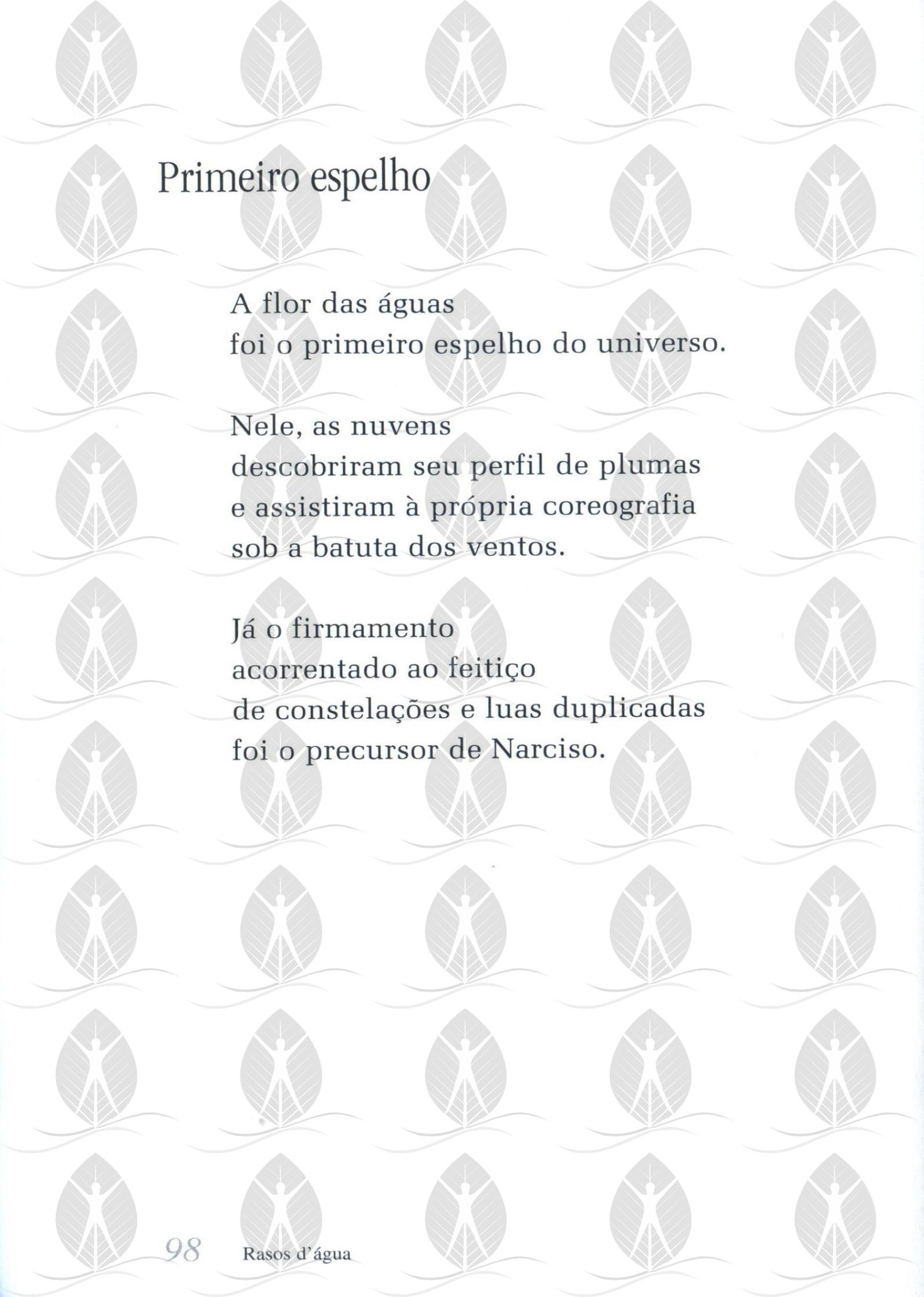
Ex-rio

Aqui jaz um rego.
Por aqui passava um rio
faz trinta anos.

Quem bebeu o rio?
De quem tamanha sede?

Entre pedras e areias
restam resíduos de vida.

Mas onde nas margens pardas
as digitais dos assassinos?

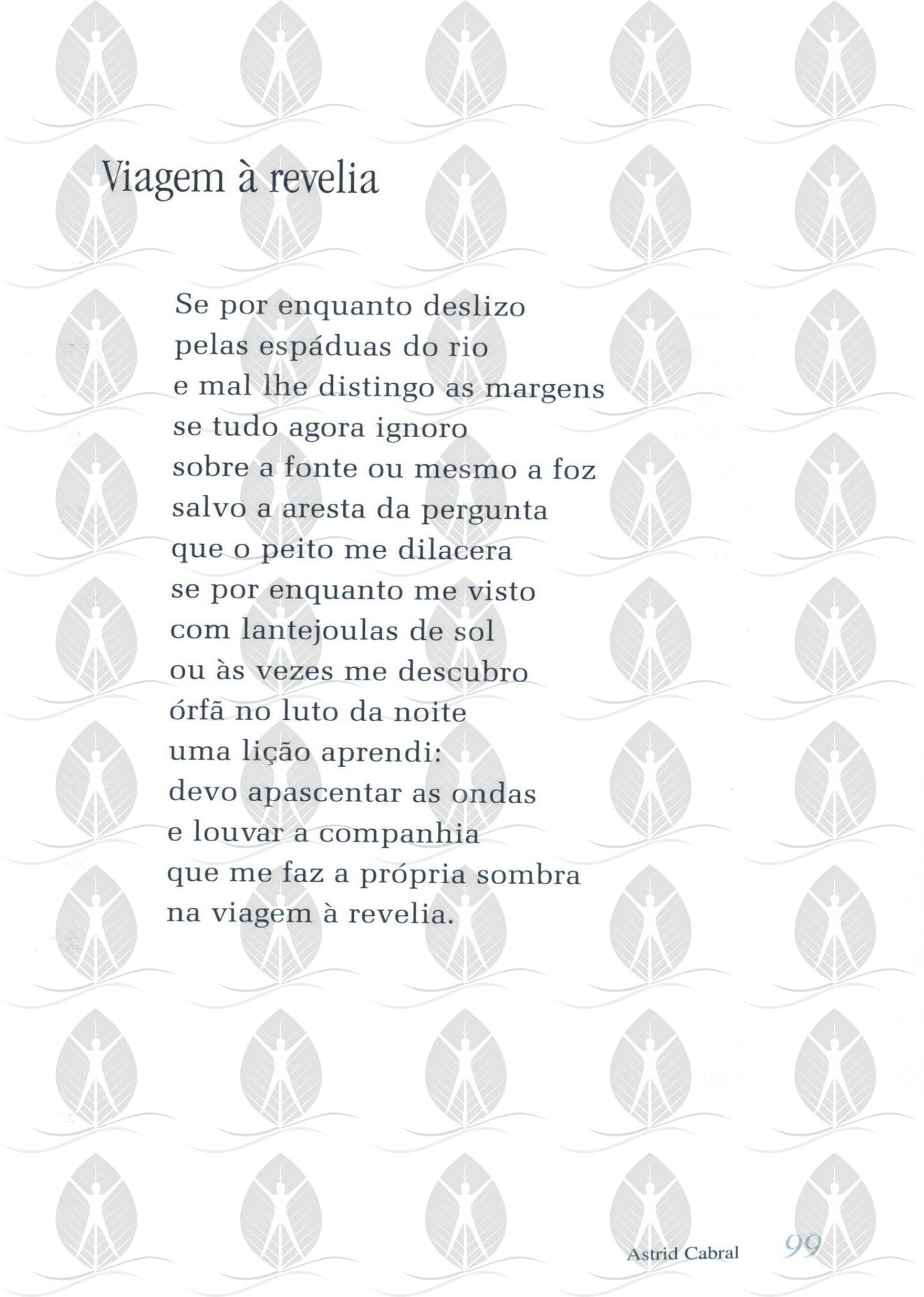


Primeiro espelho

A flor das águas
foi o primeiro espelho do universo.

Nele, as nuvens
descobriram seu perfil de plumas
e assistiram à própria coreografia
sob a batuta dos ventos.

Já o firmamento
acorrentado ao feitiço
de constelações e luas duplicadas
foi o precursor de Narciso.

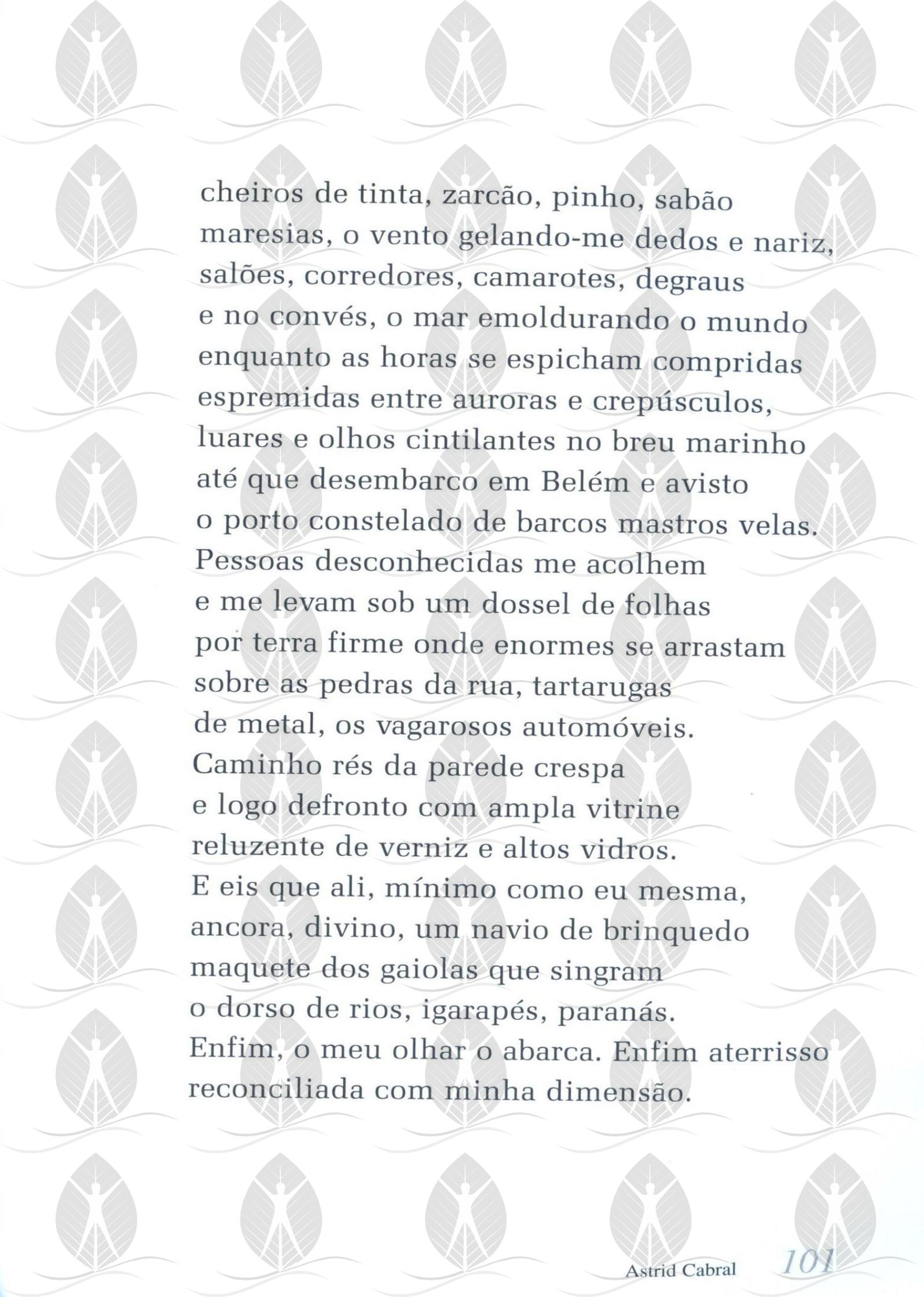


Viagem à revelia

Se por enquanto deslizo
pelas espáduas do rio
e mal lhe distingo as margens
se tudo agora ignoro
sobre a fonte ou mesmo a foz
salvo a aresta da pergunta
que o peito me dilacera
se por enquanto me visto
com lantejoulas de sol
ou às vezes me descubro
órfã no luto da noite
uma lição aprendi:
devo apascentar as ondas
e louvar a companhia
que me faz a própria sombra
na viagem à revelia.

Escalas

Imenso, o navio me ultrapassa.
O passo miúdo não alcança proa nem popa.
Ao pequeno olhar, afrontado
pela extensão do horizonte em volta,
sobra a sensação de ilha móvel, o embalo.
Eu, à cintura de altos vultos, junto
à mãe embrulhada em luto e choro.
Os avós me dizem, vais trocar o mar azul
pelo Rio Negro. Vais morar em Manaus.
Mãos fortes me conduzem ao longo
do convés oscilando entre azuis
na gangorra de nuvens e de ondas.
Mar, mar, por todos os lados, no olho
redondo e esbugalhado de todas as vigias.
Segurando as cordas de esguia escada
deixo para trás Recife, a casa com pombos
o tamarineiro ao fim do beco, praias,
bichos e vozes familiares e entro
no estranho universo do vapor: apitos,
máquinas e motores ronronando,



cheiros de tinta, zarcão, pinho, sabão
maresias, o vento gelando-me dedos e nariz,
salões, corredores, camarotes, degraus
e no convés, o mar emoldurando o mundo
enquanto as horas se espicham compridas
espremidas entre auroras e crepúsculos,
luares e olhos cintilantes no breu marinho
até que desembarco em Belém e avisto
o porto constelado de barcos mastros velas.
Pessoas desconhecidas me acolhem
e me levam sob um dossel de folhas
por terra firme onde enormes se arrastam
sobre as pedras da rua, tartarugas
de metal, os vagarosos automóveis.
Caminho rés da parede crespada
e logo defronto com ampla vitrine
reluzente de verniz e altos vidros.
E eis que ali, mínimo como eu mesma,
ancora, divino, um navio de brinquedo
maquete dos gaiolas que singram
o dorso de rios, igarapés, paranás.
Enfim, o meu olhar o abarca. Enfim aterrisso
reconciliada com minha dimensão.



Quero intensamente tocá-lo, ingressar
em seu espaço, inserir-me nele.
Porém dali me arrastam. Choro embargado,
volto à solidão do oceano horas a fio.
Fico a ver navios, a ver navios
enquanto o mar me leva ao rio.



Recife no fundo do poço

As raízes da alegria
remontam a ruas de pedra
nuvens nadando riachos.

São cúmplices de junquinhos
tamarindos, galos e grilos
arautos de lua e sol.

Elas se enredam nos pés
molhados de sal e no ar
onde voei em ave de aço.

Pela memória do pai
a perdida alegria
renasce e acende o dia.

Águas do Tapajós

Ó águas do Tapajós,
quantas vezes adiei
os convites de viagem?
Quantos amores joguei
nesse regaço de jade?
Ó águas do Tapajós,
não sois as mesmas de outrora
nem sou eu a mesma de antes.
Hoje em vós navego o ser
órfão incorpóreo de fé
e qualquer sonho de porto.
(Os portos também são cárceres)
Ó águas do Tapajós,
o verde de vossa pele
já se tinge de nanquim.
A tarde tornou-se noite
e é tão tarde que não cabe
qualquer pausa pelas margens.
(Santarém, estás bem longe
já não te alcançam meus remos)



Ó Tapajós, entanguida
de dor, rendo-me à deriva
do fundo líquido jade.
Ó águas do Tapajós,
nosso rumo é mesmo a foz.

Funeral

Féretro túmulo
o fluxo do rio.
Cortejo de grinaldas
as margens de canarana.
Longe uma rasga-mortalha
grita gasguita.
O corpo à deriva atiça
guelras canibais.
Inerte, o corpo apodrece
carniça tarjada de moscas.
Imóvel o cadáver bóia.
Vítima de ávidas aves.
Enquanto o poente acende
líquidos círios
nas barrancas ribeirinhas
cacimbas minam
de olhos amêndoas
e molham os zigomas
de faces amarelas.



Chafariz

Chafariz:
cambalhota de chuva
em almofariz de pedra.

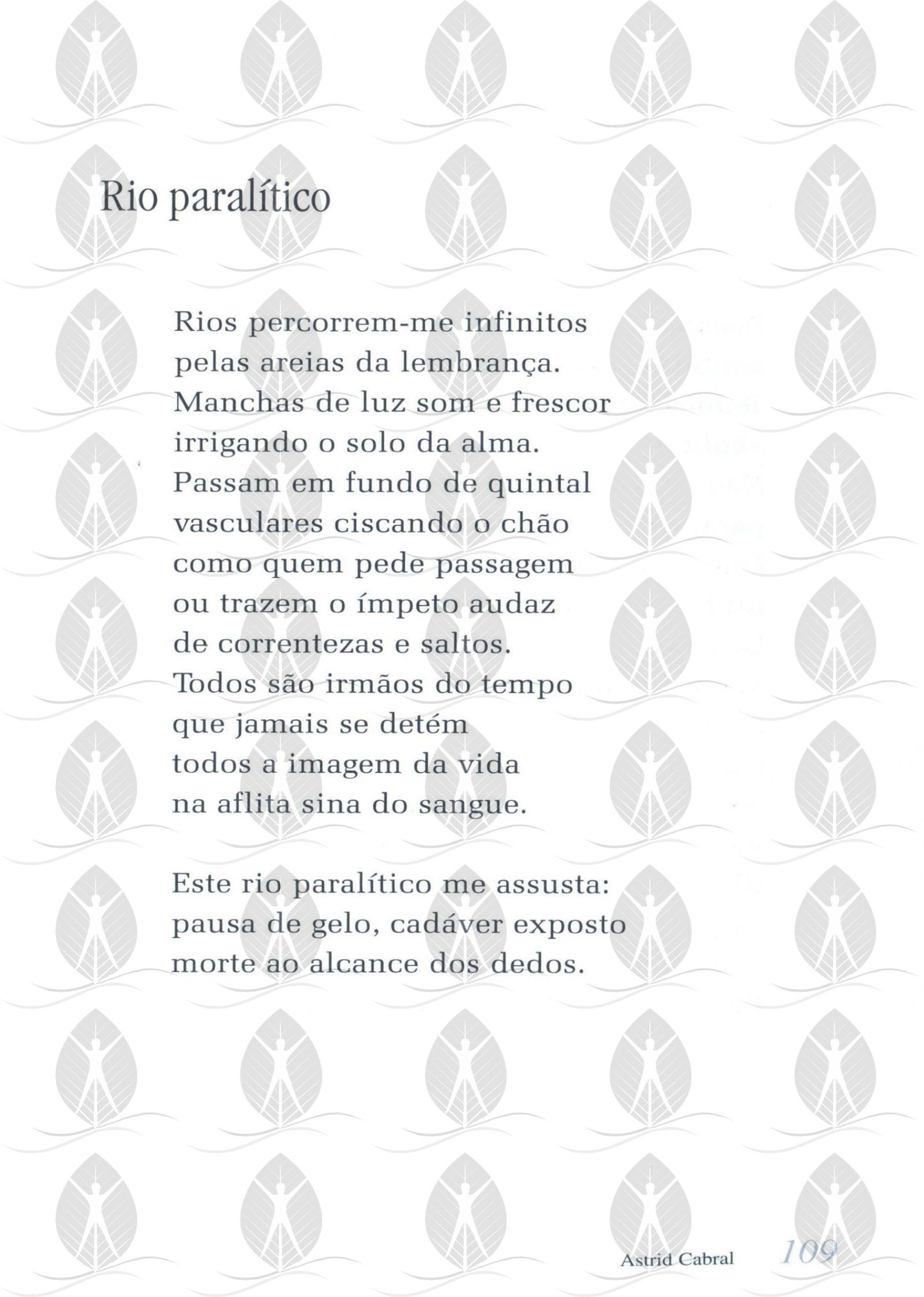
Cascata sem rebeldia
águas disciplinadas
bailando a céu aberto.

Riacho relinchando
líquidas crinas
no dia em chama.



Calamidade

Águas na sala! Peixes nos quartos!
Quem entenderia?
Degredados das paisagens
contidos em urbanas grades
eles encharcavam
não só os chinelos de lama
a alma também de espanto.
Todos esquecidos
dos troncos derrubados
dos leitos rasos – antepassados
das chuvas dilúvio.



Rio paralítico

Rios percorrem-me infinitos
pelas areias da lembrança.
Manchas de luz som e frescor
irrigando o solo da alma.
Passam em fundo de quintal
vasculares ciscando o chão
como quem pede passagem
ou trazem o ímpeto audaz
de correntezas e saltos.
Todos são irmãos do tempo
que jamais se detém
todos a imagem da vida
na aflita sina do sangue.

Este rio paralítico me assusta:
pausa de gelo, cadáver exposto
morte ao alcance dos dedos.

Piscinas

Piscinas sois águas sem mistério
contidas como crianças de castigo.
Tendes histórias bem medíocres e
explícitas geografias urbanas.
Não passais de águas empoçadas
paraplégicas submissas domésticas.
Que sabeis de sereias mitológicas
ninfas nereidas netunos iaras?
De algas corais baleias cardumes?
Vossa pequena glória foram
os filmes com balés de Esther Williams
e as eternas competições olímpicas.
Nada de vagas périplos odisséias
naufrágios descobertas conquistas.
Rios mares cascatas e até lagos
gargalham diante de vossos aquáticos
simulacros estéreis e desertos.
Peixes só habitam vosso nome.



Acimabaixo

Longe fica a fonte.
Alcançá-la
é cruzar
águas contrárias.

Perto fica a foz.
Atingi-la
é deitar-se
à deriva veloz.

Águas represadas

Terei eu três anos? Pouco importa. É quando me sinto inaugurando o mundo dentro de enorme bacia de alumínio cheia d'água. Estou ao sol e o sol se multiplica e se esfacela em reflexos que dançam e ondulam sob minhas mãos. Em vão tento agarrá-los, esses pseudopeixes. Bato no corpo da água fresca, fria, penetrável. Corpo que se fende, salta, saltita, se estilhaça em gotas que espirram das bordas molhando o mosaico do chão, ou se recompõem rapidinho, escorrendo por meus ombros e braços, regressando à bacia e deixando-me entrever o corpo imerso, barriga, pernas, pés, tudo oscilando mesmo que eu fique imóvel. Chamam-me e me finjo de surda, atenta que estou ao chapinhar da água sob as palmadinhas que improviso transbordante de euforia. Tenho o rosto mais úmido que focinho de cachorro e língua de gato. Ouço dizerem, deixa a patinha na lagoa dela enquanto houver sol. O sol não se apagou.

Esse dia nunca anoiteceu, sempre luminoso dentro de mim.

O tio me toma pela mão e me leva à praia. Ainda é madrugada quando deixamos a casa. Tudo é ainda um azul geral, imenso caldo de anil, mal se adivinhando o desenho do mundo. Na rua as janelas fechadas parecem dormir junto com as pálpebras dos moradores. Criança pequena não pode tomar sol forte. Serei tão pequenina assim? me lembro da irmãzinha que ficou no berço, nem engatinhar sabe e só passeia de colo em colo. Já na praia o azul noturno começa a empalidecer. Vai ficando tão esmaecido que distingo comprida linha entre a areia clara e o mar verde-azul. Vem que aqui é bem manso. Vou caminhando, a areia umedecida cochichando no atrito de moldar-me os pés, que, adiante, param de deixar rastro e mergulham na água rasa. Depois é aquela sensação gostosa do abraço molhado me envolvendo suave, repetidas vezes, grudando-se a mim na lã molhada do maiô. Descubro que o vento é quem franze a pele do mar. Quero permanecer com o mar até o pescoço, que o vento não sopra em mim arrepiando-me toda, enregelando-me a pele, fazendo-me bater o queixo, dentes contra dentes. Quero sentir o balanço da onda, o

vaivém me tocando, ora devagarzinho, ora de supetão, os cabelos pingando sabor de sal na boca. Arregalo os olhos no fundo d'água, lá estão peixinhos passeando, brincando de nadar. Sinto-me em casa que nem eles. Nenhum me diz vai embora, seu lugar não é aqui, por isso me demoro tentando pegá-los e quando o tio decide voltar fico choramingando, mas tio, o sol não está forte, não vou me queimar nem um tantinho, juro.

Mas vem o dia em que vejo riachos se desatando dos olhos de minha mãe. Sou levada a bem longe em consequência desse pranto. Estou num navio do tamanho de um quarteirão, lá dentro até parece uma cidade, mas o mar é bem maior, tanto que até se encosta no céu. Tiro o anel de chapa do dedo, jogo dentro de um copo d'água e ele logo se afunda. Que milagre será esse do navio tão pesado não afundar? As pessoas me seguram e dizem, cuidado cuidado senão você cai, menina, tem muito tubarão rondando o navio. Penso no mar tão amiguinho que ficou lá atrás na beira da praia e estranho aquela superfície proibida, infinita, que não posso tocar, apenas olhar a distância pelo redondo da vigia ou do convés se alguém me vigia. No entanto me fascina saber que deslizo nas costas do monstro

colossal de quem não vejo cabeça nem cauda, só o lombo, às vezes com escamas de ouro e prata. Horas há em que ele se sacode e vira pratos, talheres, entorna copos nas mesas. É como se ele fosse um simples balanço de jardim, indo bem lá em cima, bem lá em baixo, só que não chega a me molhar. Passa tempo até que amanheço sobre novas águas, de outra cor e de outro cheiro. São bem mais estreitas e calmas, de um amarelo pálido, e com o correr dos dias vão se misturando, primeiro com outras verdes cor de chuchu, mais adiante, com outras escuras cor de café. Menina, vem ver o encontro das águas, de um lado café-com-leite, de outro café puro. O rio fica malhado como o couro de um boi gigante, quem sabe de um cavalo, pois vai correndo apressado no meio do verde, sem ficar assim parado feito boi sonolento. Então começa minha vida no reino dos rios.

Manaus é moça debruçada no espelho do Rio Negro, que avança por ela com os longos braços dos igarapés, encharcando a saia de seus quintais, improvisando piscinas selvagens nos subúrbios. Aos domingos, além das missas, rola a alegria dos banhos nos rústicos balneários. Vamos ao parque maior resgatar o passado anfíbio. Vamos mergulhar,

bubuiar, afogar e ressuscitar, fazer guerras aquáticas, inventar metamorfoses fantásticas: eu sou tartaruga, tu, maninha, és curimatã, Lacy, faz de conta ser arraia, manão, rã, Auxi, tucunaré, Ivan é boto, Cláudio, jacaré. Ao cair da noite somos arrancados daquele paraíso, membros cansados, ouvidos entupidos, cabelos pedindo pente, e, misturado ao suave torpor, fruto do dia intenso, o sonho do próximo domingo no mesmo local. Durante a semana, a condenação ao banho de cuia, a tina entre quatro paredes, a não ser que a chuva aconteça. Se trovões perturbam o silêncio das tardes, arrastando invisíveis móveis pelo soalho dos céus, os cães, tomados de pânico, se põem a latir e o alvoroço se apossa de nossos corações. Ficamos assuntando as nuvens, pastoreando com o olhar aquele rebanho que, a qualquer momento, pode se dispersar tangido pela ventania ou se transformar num imenso chuveiro. Vem chuva, cai chuva, gritamos cantando, e agradecemos a bênção descendo sobre as cabeças, ensopando blusas e camisas. Corremos a apanhar as mangas derubadas por fortes pancadas, e vamos enchendo alguidar e paneiros, e nos dispomos a recolher a roupa secando nos varais. A do quarador pode ficar lá mesmo, os dedos da

chuva vão esfregar. Sentimos os dedos da chuva na própria cara, nossos cabelos misturados aos cabelos da chuva. Corremos para que as gotas batendo nas pálpebras gerem faúlhas de luz nos olhos. Temos a impressão de farejar estrelinhas cadentes, de esfregar a cabeça num pedaço de céu que aterrissou. Gostamos quando folhas secas, gravetos e terra vão tapando os ralos de escoamento, a casa semi-inundada mais parece um dos muitos barracos flutuantes que surgem à margem dos igarapés. Os capachos abandonam as soleiras, os pés das mesas e cadeiras vão sumindo, as pontas das toalhas arrastando nas poças. Nossa alegria só míngua quando os adultos dão cobro à enchente desentupindo os bueiros e a água vai se recolhendo na boca dos ralos, deixando de herança fina lama sobre os mosaicos da copa. Após tantas correntes e corredeiras, triviais e domésticas, tantos passeios pelo cais flutuante, acompanhando o volume das águas, ano após ano, nas amuradas do porto, vendo chegar e partir canoas, catraias, batelões, gaiolas e navios de grande calado, não resisto ao fascínio das viagens. Desejo outras cachoeiras que não a caseira Tarumã dos fins de semana.

Viajo atraída por remotos caudais, véus de noiva, mantos de névoa e bruma. É como se as cachoeiras cantantes me chamassem lá de dentro dos matos e florestas: Itiquira, Iguaçu, Niagara. Turista afobada, experimento o clímax da surpresa, o rápido êxtase aos pés do belo, ali debaixo de coroas de respingos, a saliva generosa da natureza me cuspiendo, enquanto afronto o perigo em barcos mínimos e atrevidos. Da aventura sobram algumas fotos, tipo, vejam, não estou inventando façanha, não é nenhuma mentira. Coleciono fotos, estratégia para documentar momentos de prazer. Aqui está uma: eu molhando os pés no Jordão, rio que no Amazonas não passaria de anônimo igarapé. Fico ruminando os versos de Pessoa: o mito é o nada que é tudo. E esta, sai das águas doces para as salgadas: estou com a irmã às margens do Mar Morto. Aí nos deitamos em régio colchão d'água, o que humilha todos os artigos hospitalares homônimos. Mais que a volúpia do contato com o líquido denso, cativa-nos o sossego da segurança absoluta. Sobre o mar estéril, maciçamente mineral, nada de cetáceos, peixes, moluscos, algas. Só nós duas, únicos seres orgânicos flutuando, solitárias, sem o menor esforço, sem ameaça de naufrágio ou

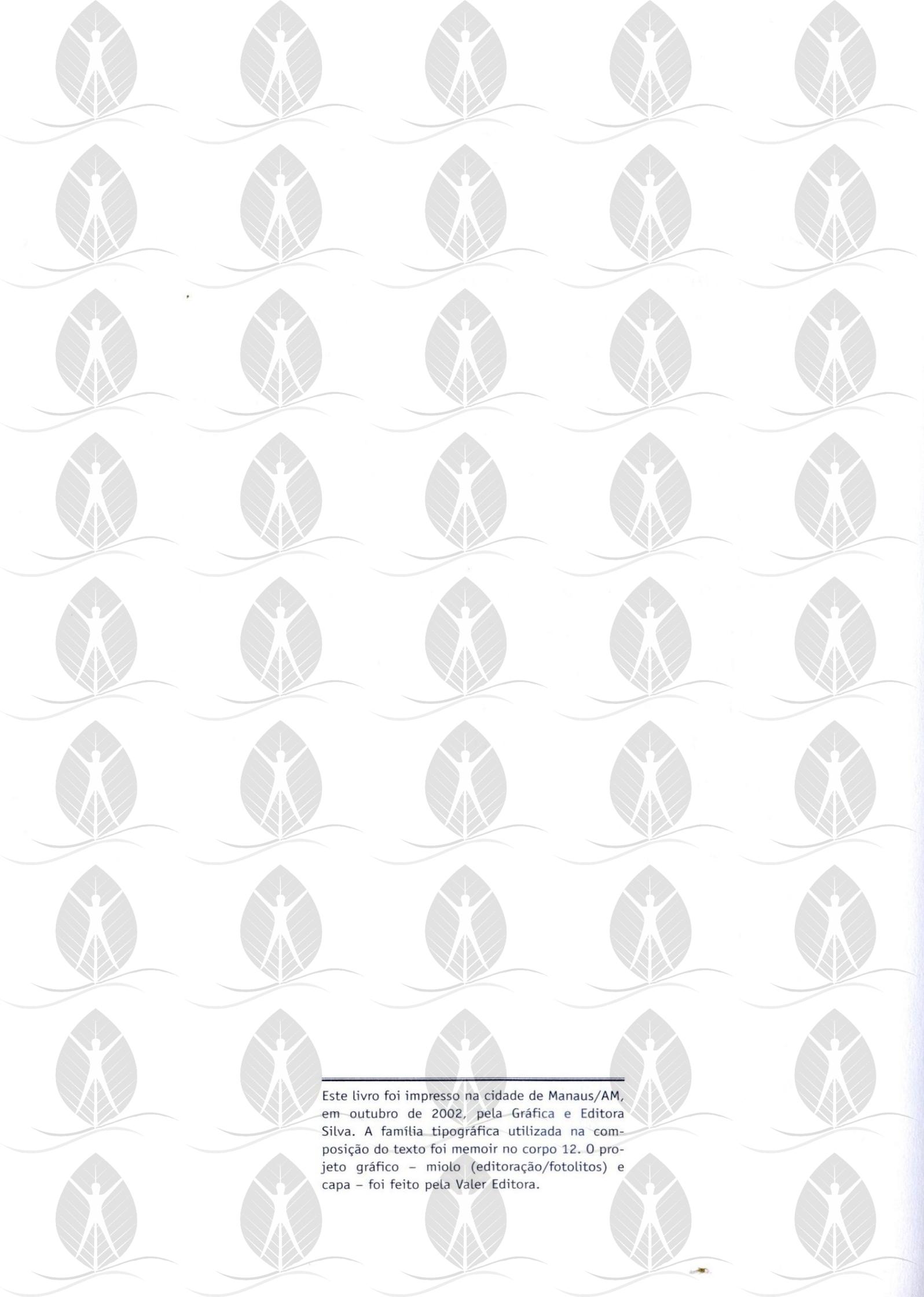
medo de tubarão, no regaço de um mar tão morto que é até mesmo incapaz de matar.

Ao rememorar doces convivências com a água, transporto-me ao inverno de 67 em Paris. Tenho 30 anos e pela primeira vez na vida o destino me apresenta à neve. Confesso: o coração, dentro do peito tropical, se derrete de emoção igual a sorvete. Enfim, vejo com meus olhos, sinto com minhas mãos o que desde menina é mito de Natal, arremedo de algodão nos galhos da árvore carregada de presentes e prendas, referência onipresente nos relatos da remota Europa. Lá vou eu pela rua, embrulhada em peles e lãs, renegando o incômodo peso nos ombros, me sentindo o próprio cabide sob a escravidão do casaco, xingando o bafo de geladeira e o cárcere das botas, quando maravilha! os flocos de neve principiam a tombar de mansinho feito borboletas brancas sarabandeando, o céu desabando pétalas e o maná bíblico descendo em silêncio, solene, num gesto litúrgico de batismo. A suavidade é tal que suplanta a da chuva, o toque da água não líquida bem mais sutil, mais imperceptível. A suprema delicadeza com que me envolve o corpo não deixa rastro. Não é por acaso que neve rima com leve, a finura do gesto faz jus à palavra. O

episódio acontece junto ao Museu Cluny. Sinto-me muito especial, outra Dama do Unicórnio, ungida pelo milenar manto do inverno. E o deleite é tamanho que esqueço a carapaça das roupas, para mim armadura medieval. Levito em plena rua. A idéia de que a água possa se condensar, se acumular, dispor de contornos, desenhar sua forma, perder a transparência, o brilho de espelho, a lâmina mineral, a inquietação, me seduz dramaticamente. Prodígio da natureza a me enfeitiçar. Delícia, levá-la à boca misturada com mel e limão em prazerosos piqueniques na montanha. Só equivalente a sol a pino, lamber picolés de guaraná e groselha, os rústicos cubos de gelo comprados a tostões nas tavernas de Manaus. Volta-me o prazer de pastorear os lingotes de gelo empanados na serragem, tal e qual gordos bifés à milanesa. Serviam para refrescar aluás, gengibirras e demais bebericos de festa. Era tão bom encostar os pulsos no gelo, a fim de esfriar o sangue que vasculharia o corpo inteiro. Ver o gelo urinando das carroças, ou a se desmanchar no mormaço das ruas, me dá a certeza de quão artificial e transitória é a carga engendrada no maquinismo da fábrica de cerveja, lá nos confins da cidade.

Décadas depois, atravesso árduos invernos de gelo em Chicago. Só o aquecimento artificial permite que a água circule nos canos. Recordo à chegada da primavera, a sensação de alívio ao contemplar a fonte de Buckingham esguichando no ar floração de altos jatos, o sussurro dos jorros ao cabo de meses a fio de total inércia, o ímpeto das águas não mais paralíticas, marmóreas, caçadas. Penso neste país de águas tropicais sempre soltas, rolando nas vastas bacias de caudalosas corentes e afluentes mil, nos açudes, nos pequenos algibes e cacimbas, nos olhinhos-d'água nas bicas e sobretudo no Atlântico que lambe o litoral leste com imponência oceânica.

Lavo minha alma em todas essas águas livres e me comprazo com os miúdos fios d'água que broam das torneiras e me dão banho e enchem meu copo. E agradeço diariamente a serena alegria do corpo limpo e da sede saciada. Eu, também água.



Este livro foi impresso na cidade de Manaus/AM, em outubro de 2002, pela Gráfica e Editora Silva. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi memoir no corpo 12. O projeto gráfico – miolo (editoração/fotolitos) e capa – foi feito pela Valer Editora.

A leitura de *Rasos d'água* é reveladora dos temas presentes na lírica de Astrid Cabral: a atmosfera nostálgica, a indagação existencial e a preocupação com a transitoriedade da vida. O livro é dividido em duas partes. Na primeira, "Copo de mar", prevalece o olhar sobre a efemeridade do tempo, numa tentativa de desvendá-lo, apesar da dolorida saudade, como se percebe no poema "Áureos tempos", em que o eu lírico sente falta do passado e suas referências: *Áureos tempos aqueles / quando na manhazinha goiaba / colhíamos no cerrado gabiobas / ainda vestidas de ovalho*. Na segunda parte, "Barquinhos de papel", observa-se uma recorrência constante ao líquido, mas especificamente às águas da chuva, do rio e do mar.

**Já disse e repito:
aos dezoito, saudade
era trissílabo paroxítono
e nada mais.**

**Hoje, saudade é sangue
sangria desatada
correnteza no mangue
de mim mesma.**

Valer
EDITORA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

ISBN 85-7512-107-3





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA